



ANUÁRIO
2007-2009

CIEN Brasil

Centro Interdisciplinar de Estudos sobre a Criança

Campo Freudiano

C I E N

CENTRO INTERDISCIPLINAR DE ESTUDOS SOBRE A CRIANÇA

Apresentação

Do litoral às montanhas um laço: CIEN

*CIEN reúne, de norte a sul, nossa diversidade:
Brasil*

*CIEN tem sua história – paisagem única –, que
pode ser contada, re-cantada e inventada por
muitos a cada vez. Refazendo este laço,
tornando-o sempre novo.*

*Aqui se reúnem memória e amor. O que é digno
de ser narrado, lembrado, mas também e,
sobretudo, o que não se escreve.*

*Depois das memórias vem o tempo..., o que
ainda nos é futuro, por vir...*

*Um mapa a ser desenhado, com traços
encantados por nossas palavras, por cada*

*presença que queira colocar do seu: CIEN¹. Por
cada um que queira emprestar sua voz, seu
silêncio e sua ousadia para fazer ressoar esse
laço e construir esse lugar.*

*A cada vez, a partir do presente, uma
perspectiva do futuro.*

*No tempo presente, neste Anuário 2007/2008,
convivem 29 Laboratórios: uns já têm história,
outros estórias, outros estão ainda para tomar
forma e encontrar sua fórmula. Cada um em seu
tempo.*

*Brasil afora, laboratórios espalhados, em sua
multiplicidade.*

¹ Ver CIEN - ressoa, graças à P. Lacadée como um convite a “Y mette du CIEN”, “a colocar do seu”; J.Dhéret, Nomination et lien social, in Archives de Psychanalyse, Reconnaître, deviner, dispenser.

Vários temas, percursos variados.

Revelam-se ‘curiosos do Outro’, para com ele deixar-se ensinar.

Os gestos e movimentos universais nos interessam para que neles e com eles possamos encontrar os detalhes - ali onde o singular pode correr o risco de sucumbir às normas.

Em alguns recantos da imensidão de nosso país não chegamos, em outras dimensões não retornamos ainda, e outros cantos nos chamam!

É nossa responsabilidade criarmos, nos dirá Judith Miller, “um espaço onde o inconsciente se torne audível. Para isto o inconsciente deve ter um destinatário”².

É nossa resposta face ao ensurdecimento do mundo contemporâneo.

“E isso basta para abrir novos horizontes e ultrapassar os muros e os impasses”³.

Temos muitas terras para desbravar e muitos

campos para alcançar.

Disposição para ir onde nossas crianças e adolescentes estão, onde no deserto e na miséria têm-se inventado migalhas de saber a partir dos restos e dejetos do mundo.

Este laço não deixa de ser renovado a cada vez pelo sopro – vindo de terras estrangeiras –, que atravessa o Atlântico e nos chega avivando e despertando o nosso CIEN.

No país em que vivemos, lembrou-nos Philippe Lacadée – a terra da linguagem –, somos sempre estrangeiros, razão a mais para fazer ressoar os poderes da palavra de cada um⁴.

Agradecemos aos colegas que se unem nesta construção. Em especial às companheiras incansáveis, Cristiane Barreto, Ludmilla Féres Faria e Maria Rita Guimarães.

À Mme Judith Miller e Philippe Lacadée pela presença, pela confiança.

Cristiana Pittella de Mattos

² Comentário de J. Miller na reunião dos laboratórios em 2006, citado por P. Lacadée no Rapport Moral da Assembléia do CIEN.

³ J. Miller, Terre du CIEN n 21.

⁴ P. Lacadée ao tecer considerações sobre o laboratório em formação “Psicanálise e Cultura” do CIEN no Brasil.

Extratos do Relatório da Associação do CIEN¹

“É preciso avançar no campo social, no campo institucional e nos preparar para uma mutação na forma da psicanálise. Sua verdade eterna, seu real trans-histórico não serão modificados por esta mutação. Ao contrário, eles serão salvos, se nós apreendemos a lógica dos tempos modernos.”

Jacques Alain Miller. *Le neveu de Lacan*, p. 124

Centro Interdisciplinar sobre a Infância

Parece importante reafirmar o objeto do Centro Interdisciplinar sobre a Infância. Este objeto é a psicanálise e se concretiza através da pesquisa, do ensino e da formação. Sua abordagem se especifica pela interdisciplinaridade e por inscrever suas atividades no âmbito do Campo Freudiano, tal como o definiu Jacques Lacan, cujo ensino nos orienta.

Seus meios de ação consistem em favorecer o progresso da pesquisa e ajudar psicanalistas, trabalhadores sociais e da saúde mental, educadores, médicos, juristas e juízes, especialistas das disciplinas das ciências humanas, pesquisadores e estudantes colocando à sua disposição espaços, equipamentos, bibliotecas, serviços.

A interdisciplinaridade

Se a interdisciplinaridade está no coração dos fundamentos do CIEN, ela não deve, no entanto, ser confundida com a pluridisciplinaridade. A interdisciplinaridade, que está no princípio da criação da

¹ Edição feita com a amável autorização do autor; ver na íntegra: *Rapport moral* du bureau de l'association du CIEN, por Philippe Lacadée - vice presidente do CIEN, Bordeaux, 03.03.2007.

unidade de base do laboratório, é também o que, partindo da oferta de reunir parceiros de outras disciplinas, em torno de um tema de pesquisa, lhes dá a oportunidade de encontrar material para se deixarem ensinar pelas experiências e práticas de cada um. O laboratório é assim nosso meio de ação essencial. O traço-de-união de “inter-disciplinaridade” ilustra o fato de que o dispositivo do laboratório se estrutura em torno de um lugar deixado vazio, lugar de “saber não saber”², que só existe pela presença do discurso analítico, que não deve ser sustentado pelo psicanalista mas, no melhor, orientado por sua presença real, visando obter o mal-entendido e o passo atravessado, necessários a uma elaboração provocada a vários.

Este lugar vazio é garantido pela circulação, no quadro do laboratório, dos diferentes tipos de discursos reunidos em torno de uma pesquisa, envolvendo justamente certos pontos de impasse desses discursos. Estamos aqui para aprender a partir da disciplina do Outro.

Aqui, a meta é fazer circular o uso destes discursos, tornar viva a língua que os sustenta e saber criar os momentos onde se possa fazer valer a língua ambígua e equívoca, única capaz de fazer circular o uso do sujeito. É este uso dos diferentes discursos que evita cair no “clínico demais” ou na dita “supervisão da prática” ou no “grupo terapêutico”. Se há supervisão, ela se deduz no *après-coup* do processo de conversação interdisciplinar que anima os debates, não perdendo de vista a orientação do laboratório, cujo objetivo de pesquisa foi definido na declaração anual do laboratório, no escritório da Associação.

² Expressão de Virgínio Baio.

A conversação interdisciplinar

Assim, o CIEN, cuja prática própria é a da conversação, não pretende promover uma clínica, mas permitir uma conversação entre o discurso analítico e os discursos das outras disciplinas que têm seus mal-dizeres, para encontrar a felicidade de outras palavras, na troca. É este o efeito de transformação dos laboratórios do CIEN, como testemunham vários dos nossos parceiros, engajados neles. A clínica releva mais da ECF, das escolas da AMP, sem as quais o CIEN não existiria, das Seções Clínicas ou do CEREDA, mas não do CIEN.

A conversação interdisciplinar, além de particularizar o trabalho no laboratório, inaugurou um novo modo de laço social, orientado pela psicanálise, mas permitindo, sobretudo, a muitos dos parceiros encontrados, de entender e medir os efeitos de uma psicanálise além do Édipo, que se orienta pelo real próprio de cada um. Este real só é abordável por um sujeito, a partir do seu dizer e no quadro preciso de uma clínica sob transferência, estabelecida graças à presença de um psicanalista e no quadro de um tratamento particular.

É evidente que a maioria dos laboratórios demonstra nos seus diferentes trabalhos, as conseqüências do último ensino de Lacan, muito atual nessa modernidade irônica³, onde o saber do Outro é posto em questão e provoca efeitos devastadores na maneira pela qual as crianças e os adolescentes enodam seu corpo vivente à língua que eles habitam. É o que demonstram todos os numerosos laboratórios, trabalhando sobre a escola, e também sobre as numerosas instituições de ajudas/tratamento e justiça:

³ Expressão de Jacques-Alain Miller retomada no texto de Philippe Lacadée: “A modernidade irônica e a Cidade de Deus”, na Revista de La Cause Freudienne n. 64, originário da conferência apresentada em Belo Horizonte, onde os laços do CIEN foram estreitados.

todos sensíveis a esta “crise da linguagem” contemporânea, dessa modernidade irônica na qual o CIEN encontra seu lugar, que modifica a maneira como as crianças e os jovens falam e vivem seus corpos.

Esses são os diferentes testemunhos que os laboratórios recebem, quando sabem se fazer destinatários das pessoas a quem se endereçam, quer seja a partir das pesquisas com os educadores, ou em contato direto, a partir da conversação mantida nos diferentes lugares institucionais, onde vivem estas crianças, a fim de receber a transmissão de um saber necessário à sua maturidade⁴.

Assim, a unidade do laboratório e sua inscrição no campo social, mais freqüentemente no coração do campo institucional, permite apreender os avanços do CIEN e nos prepara, no melhor, para saber fazer com a mutação dos diferentes discursos, que freqüentemente visam alocar a criança em residências, em impasses dos quais não podem sair senão através de posições cuja parte sintomática, o CIEN revela.

As conversações estabelecidas com essas crianças a partir de seus impasses lhes permitem “nomear uma parte do nome de seus sintomas⁵”. É o que, então, oferece a possibilidade de fazer valer de outra maneira o que pode trazer a uma criança, a entrada num discurso analítico com um psicanalista. O CIEN encontra aí seu justo lugar como o que pode favorecer o estabelecimento das condições para que seja autenticada uma verdadeira demanda da criança, saindo de sua própria palavra, e não mais predicada como medida de controle da parte impossível, que cabe ao próprio sujeito saber nomear. “No CIEN, a resposta está adquirida de tal forma que implica ser permanentemente posta à prova: ela se elabora sob medida nos laboratórios, sempre diferente e diferenciada graças à troca interdisciplinar,

⁴ Em breve será lançado um livro pelo CRDP em Bordeaux, a partir do trabalho do laboratório “Le pari de la conversation”.

⁵ Expressão utilizada por Alexandre Stevens, assessor do CIEN, durante uma conversação aberta ao público, ao comentar a brochura do laboratório “Le pari de la conversation”.

sem prejudicar o dizer nem o fazer de cada um. A excelência do princípio sob medida se baseia na sua precisão: ele induz em cada laboratório uma prática paradoxal, de não dispor de outra unidade senão a da unicidade dos sujeitos com quem se engaja a conversação, que tecem múltiplas formações e especializações. Na esfera do Um por Um, ninguém se adapta, cada um é adotado⁶”. Se nós soubermos entender “a lógica dos tempos modernos”⁷, então o CIEN terá feito sua parte para que seja salvo, o que faz o coração da prática psicanalítica, ou seja, o encontro com um psicanalista e a dimensão da transferência.

A opinião dos laboratórios

Para evitar o “clínico demais”, não se trata de proibir o recurso às vinhetas clínicas, mas de se servir destas vinhetas para que cada um saiba melhor o que fazer com a prática de sua disciplina, o que não impede as referências ao que nos trazem a iluminação da descoberta de Freud e o ensino de Lacan.

A partir de sua unidade, o CIEN soube criar modalidades de conversação em contato direto com o campo social, que releva do ensino, das instituições de tratamento ou de educação, de locais de prevenção, da justiça, etc.

A via do CIEN é a de cuidar sempre da ampliação da conversação com os outros atores sociais, que, freqüentemente, a partir de seus pontos de impasses, demandam encontrar um lugar que os ajude a transformar seus impasses em questões, e, logo após, em objetivos de pesquisas interdisciplinares. Isso torna possível, por exemplo, o estudo de significantes obscuros, que são cada vez mais veiculados no nosso mundo de avaliação e controle, onde o maior risco é de ver desaparecer a

⁶ Miller, J. editorial do jornal “Terre du CIEN”, n. 19.

⁷ Miller, J.-A. “Le neveu de Lacan”, p. 142.

importância da palavra, da língua articulada e a dimensão do dizer. É, de fato, esse dizer, aquilo que um sujeito enuncia, que está atualmente em perigo, na medida em que este dizer está cada vez mais desacreditado. E, como precisa Lacan: “não há sujeito senão do dizer”⁸.

Os laboratórios do CIEN são os lugares onde cada disciplina pode testemunhar e fazer valer a dimensão (*dit-mension*) subjetiva e o respeito ao sintoma particular a cada um. Ali onde cada parceiro continua sensível ao sofrimento ou à palavra da criança, mas não tem lugares onde possa falar disso, para saber como fazer sem depois se embulhar nas respostas pré-estabelecidas, válidas para todos e negando a particularidade de cada um, é responsabilidade do CIEN saber criar laboratórios nesse sentido. Pois, se existe uma verdade que se fala, existe uma outra “da qual se sofre”⁹ que não se diz como tal, exceto no dito distúrbio do comportamento ou numa passagem ao ato, mas “que é um fato, ou seja, que recobre um dizer”¹⁰, que só demanda ser escutado. Eis o que nos permite elevar todo distúrbio de conduta ou do comportamento à dignidade de uma pantomima, saindo de um texto que se escreve apesar do sujeito que é seu produto. Cabe-nos, a partir disso, estabelecer as condições de leitura desse texto como demonstram nossas conversações com as crianças.

“Os analistas do campo freudiano nos laboratórios do CIEN, realizam um trabalho – não clínico – mas tendo como tarefa arranjar no mundo contemporâneo – denunciando os entraves que fazem obstáculo e os falsos semblantes que o querem calar – um espaço onde o inconsciente se torne audível. Para isso, o inconsciente deve ter um destinatário.”¹¹

⁸ Lacan, J. Le Séminaire, livre XVI “D’um Autre à l’autre”, Paris, Seuil, 2006, p. 66.

⁹ Idem, p. 69.

¹⁰ Idem, p. 69.

¹¹ Comentário de J. Miller durante a reunião dos laboratórios no outono de 2006.

Os laboratórios e “a lógica dos tempos modernos”: a conversação esclarecida frente aos significantes obscuros

Os laboratórios do CIEN são os lugares que participam desse arranjo para que o discurso do inconsciente encontre seu destinatário. Sem fazer clínica, o CIEN tem uma prática que trata “o social”¹². Aliás, é importante que as brochuras do CIEN se multipliquem para fazer reconhecer o discurso analítico. Temos como exemplos todos estes significantes obscuros que reduzem os sujeitos a objetos – tais como “hiperativos”, “delinqüentes”, “psicopatas”, etc. Os objetivos de pesquisa devem se preocupar em saber como eles apareceram, quais são os seus propósitos e como responder de outro modo, para além da denúncia. Os objetivos podem ser duplos: encontrar um modo pelo qual o CIEN possa responder a estes significantes e reintroduzir a causalidade psíquica, lá onde ela desaparece.

Um dos ensinamentos do CIEN é a arte das conversações nos diferentes lugares onde o CIEN é convidado a fazer pontualmente ou mais regularmente conversações, para permitir mudanças decisivas para algumas crianças em fracasso escolar, ou tomadas por provocações languageiras, ou em momentos de agitação. Essa leveza de intervenção não pode cair na armadilha de tornar-se uma solução terapêutica do tipo dos grupos de fala servindo para todos, mas deve fazer valer o que é a especificidade do CIEN, ou seja, “a aposta da conversação” que faz de modo a que seja favorecida a

¹² Expressão inventada por Martine Matteudi Gorrech e retomada por Philippe Lacadée no seu livro: “Le malentendu de l’enfant”, Lausanne, Payot Lausanne, 2006. **NT**: Contração de “souci” (cuidado, preocupação) com “social”.

dimensão do risco da palavra, cujo objetivo é “desamarrar as identificações”¹³ mais ou menos obscuras, algumas das quais petrificam os sujeitos que nós encontramos.

O CIEN tem hoje, mais do que nunca, a tarefa de bem dizer sua inscrição no campo social, pelas implicações cada vez mais numerosas e variadas de seus laboratórios. Ele deverá escolher a forma que adotará para que, uma vez que sejam melhor localizados seus laboratórios, saber se ele pode oferecer aos parceiros de outras disciplinas, a possibilidade de encontrar as instâncias de formação interdisciplinar, lhes permitindo saber fazer melhor na prática das suas disciplinas, para melhor acolher os pontos de sofrimento das crianças e dos jovens, dos quais eles se ocupam no quadro de suas profissões. Uma melhor divulgação implica um rigor ainda maior e um cuidado de pesquisa em todas as disciplinas referentes às crianças, tais como a medicina, a pediatria, a justiça, etc. nem sempre representadas em seus lugares devidos nos nossos laboratórios.

Tradução: Simone Bianchi
Revisão e edição do extrato: Bernadete Carvalho

¹³ Expressão utilizada por Eric Laurent, assessor do CIEN, ao comentar a brochura do CIEN, durante a conversão do II Colóquio do CIEN em Paris.

C I E N
CENTRO INTERDISCIPLINAR DE ESTUDOS SOBRE A CRIANÇA

APRESENTAÇÃO	2
EXTRATOS DO RELATÓRIO DA ASSOCIAÇÃO DO CIEN	4
LABORATÓRIOS	
Paraná.....	14
1 - Laboratório: <i>Os Jovens fora da lei, o Tratamento Institucional e a Abordagem Psicanalítica</i>	15
São Paulo	17
2 - Laboratório: <i>A criança e as ficções jurídicas</i>	17
3 - Laboratório (em formação): <i>O imperativo da inclusão escolar</i>	19
4 - Laboratório (em formação): <i>O Campo num campo de excluído: a inauguração de uma clínica no Movimento dos Sem Terra (MST)</i>	20
Rio de Janeiro	22
5 - Laboratório: <i>Aleph</i>	22
6 - Laboratório (em formação): <i>Brincante</i>	24
7 - Laboratório: <i>Do Nada a Perder ao Laço Social</i>	26
8 - Laboratório: <i>Jovens em vulnerabilidade social: novos sintomas</i>	28
9 - Laboratório (em formação): <i>O avesso da família e a Cidade de Deus</i>	29
10 - Laboratório: <i>Era uma vez a angústia em terra de desejo</i>	31
11 - Laboratório: <i>Causar para não segregar</i>	32

12 - Laboratório: <i>Práticas da Conversação</i>	34
13 - Laboratório (em formação): <i>Intervenção do Poético na escola</i>	35
14 - Laboratório: <i>Nós do fracasso escolar</i>	37
Minas Gerais	40
15 - Laboratório: <i>Novas Formas de Violência</i>	40
16 - Laboratório: <i>Ser professora, mãe, mulher</i>	41
17 - Laboratório: <i>Trocando em miúdos</i>	43
18 - Laboratório: <i>Porta-voz do sujeito</i>	45
19 - Laboratório (em formação): <i>Escola da Juventude</i>	46
20 - Laboratório: <i>a-Palavrar</i>	47
21 - Laboratório: <i>Língua Viva</i>	48
22 - Laboratório (em formação): <i>Nonada</i>	49
23 - Laboratório (em formação): <i>Linguafiada</i>	51
24 - Laboratório: <i>Laboratório de investigação sobre Psicanálise e Arte</i>	54
25 - Laboratório (em formação): <i>Entrar no movimento</i>	55
26 - Laboratório: <i>Medidas de liberdade e responsabilidade</i>	57
27 - Laboratório: <i>Entre as fronteiras das práticas sócio-educativas</i>	59
28 - Laboratório: <i>Saber em rede</i>	61
Pernambuco	63
29 - Laboratório (em formação): <i>Conversando com a educação</i>	63
NORMAS PARA INSCRIÇÃO DE LABORATÓRIOS NO CIEN-BRASIL	66

Paraná

Desde 1996, com a criação do Centro Interdisciplinar de Estudos Sobre a Criança, alguns psicanalistas em nossa cidade se interessaram prontamente pelas propostas e princípios formulados e pelo instrumento de ação interdisciplinar: o laboratório de pesquisa. O movimento CIEN, incentivado em seu nascimento pela psicanalista Gleuza Salomon, reuniu profissionais de diferentes campos em torno dos estudos sobre o CIEN. A presença de Philippe Lacadée e de Beatriz Udenio em 1998 em um grande evento na UFPR impulsionou a formação de vários laboratórios e a seqüência de outros eventos, sempre com a valiosa orientação e contribuição de Beatriz Udenio.

O movimento CIEN decolou na promoção de várias jornadas de trabalho; em Universidades, em Instituições de Saúde Pública, Instituições Jurídicas, Sociais e Educativas. Vários Laboratórios se constituíram e expuseram seus resultados em jornadas nacionais e internacionais- no XII Encontro Internacional e nos 1º e 2º Encontros Americanos do Campo Freudiano, oportunizando frutíferos debates e intercâmbios além da produção formal de textos que constam em brochuras específicas do CIEN.

A novidade do CIEN, no interesse em zelar pela singularidade de cada sujeito e pelo uso que cada um faz da língua do Outro, tem permitido aos profissionais operar com o “lugar vazio” instalado no âmago de cada laboratório. O ensejo é de que novas respostas advenham dos sujeitos infantis e adolescentes em sofrimento, confrontados com a subjetividade de nossa época.

Ampliar a criação de laboratórios e instituir firmemente o Centro CIEN no Paraná em conjunção com o “UNO” do CIEN no Brasil e no Campo Freudiano é o que nos causa.

Nosso “desejo decidido” é intensificar a interlocução com tantos outros laboratórios que fazem suas experiências na firme orientação de Judith Miller (presidente do CIEN) e Philippe Lacadée (vice-presidente). É uma APOSTA!

Teresa Pavone

1 - Laboratório: Os Jovens fora da lei, o Tratamento Institucional e a Abordagem Psicanalítica

O laboratório tem origem nos impasses e inquietações vividos por uma Equipe de Saúde Mental da Secretaria de Saúde do Estado/PR, nos princípios de sua prática junto a adolescentes que encontram-se em cumprimento de medida sócio-educativa de semiliberdade por terem cometido atos infracionais. As questões que impulsionaram os profissionais à busca de referências e bases para o desenvolvimento de suas ações referiram-se, sobretudo às intensas manifestações de agressividade dos jovens e o posicionamento repressor da instituição frente aos mesmos.

Tendo em vista que tais impasses também permeavam a prática das demais equipes multidisciplinares designadas para intervir nos vários serviços que compõe o sistema sócio-educativo, foi ocorrendo uma ampliação do laboratório com a inclusão de novos membros, sendo estes, profissionais que atuam em diferentes unidades de internação e na coordenação das equipes. O laboratório assim se reúne quinzenalmente na sede da Delegação Paraná da EBP.

O laboratório interroga as respostas institucionais que tentam “normalizar” os sujeitos envolvidos, seja pelo imperativo educativo ou repressivo (isolamento e punições diversas) e recebem como retorno destes jovens, a potencialização da agressividade. São muitos os impasses vivenciados pelos profissionais e refletimos sobre os resultados da tentativa de instauração de um outro discurso com a

marca do não saber oportunizando a manifestação das expressões dos diferentes sujeitos a partir do tratamento da transferência – no estabelecimento de um novo laço com os adolescentes e a criação de novas ações.

Responsável: Teresa Maria A. Pavone - psicanalista, e-mail: tpavone@terra.com.br; Tânia Verona - socióloga

Participantes: Ana Lucia Canetti - psicóloga, Cláudia Regina Zocal Mazza - Psicóloga, Beatriz Trojan - psicóloga, Rejane Cristina Teixeira Tabuti - Enfermeira, Maria Consuelo de Azedo Ferreira - psicóloga, Carolina Esmanhoto Bertol - psicóloga, Ana Maria Schneider-enfermeira, Maracélia Muller - psicóloga, Vanessa Martins Marinho - enfermeira, Giselda Schafascheb - terapeuta ocupacional, Heloise Kurudz - terapeuta ocupacional

São Paulo

A proposta da conversação interdisciplinar, tal como estabelecida pelo CIEN, consolidou-se, em São Paulo, em torno da experiência dos laboratórios que efetivamente se configuraram como um espaço de debate de questões e impasses advindos da experiência profissional de seus integrantes. Após um ano de iniciativas de difusão da orientação do CIEN, o primeiro Laboratório foi constituído em 2002, e por um período de três anos sustentou uma proposta de investigação sobre os usos do diagnóstico médico na instituição pedagógica e seus efeitos sobre a criança. Posteriormente, concretizou-se a proposta do segundo Laboratório que desde 2004 vem trabalhando, a partir de diferentes eixos de investigação, o tema “A criança e a ficções jurídicas”.

Tem-se agora a possibilidade de ampliar e diversificar esta experiência, com dois laboratórios em formação neste ano de 2007 – “Cultura e psicanálise” e “O imperativo da educação inclusiva” –, cujas propostas indicam uma excelente perspectiva de intercâmbio com outras experiências, em São Paulo e no Brasil, e uma inovação sempre possível e desejada em torno da proposta do CIEN.

Heloisa Prado Rodrigues da Silva Telles

2 - Laboratório: *A criança e as ficções jurídicas*

Local de trabalho do laboratório: São Paulo: CLIN-a - Centro Lacaniano de Investigação da Ansiedade (Associado ao Instituto do Campo Freudiano de São Paulo)

Nome do laboratório de Investigação: A criança e as ficções jurídicas

Campo de Investigação: A proposta deste laboratório é pesquisar e questionar os modos de incidência do discurso do Direito sobre a criança. Tomamos como “ficções jurídicas”, nesta linha de

investigação, as medidas de proteção à criança, organizadas de maneira própria em cada país, inspiradas e regidas pela Convenção Internacional dos Direitos da Criança.

Percurso: Em funcionamento desde fevereiro de 2004, este Laboratório dedicou-se a estudar, em uma perspectiva histórica, o deslocamento, na forma da lei, da criança no lugar de objeto a ser tutelado para a posição de “sujeito de direitos”, assim como a atuação possível e factual da lei, seus usos e também seus abusos, sustentados pelos argumentos dos dispositivos jurídicos que atravessam diversas instituições: familiares, escolares, hospitalares, assistenciais.

Resultados, impasses, perspectivas: Este primeiro percurso conduziu a um questionamento de como as ditas “ficções jurídicas” incidem sobre a inventiva, ou melhor, sobre a ficção própria a cada criança, quando isso se faz necessário, uma vez que a “modernidade líquida” (Bauman), e em razão do declínio da imago paterna, requer de muitas crianças o engendramento de suas próprias ficções. Assim orientados, temos nos dedicado mais intensamente à discussão de experiências dos integrantes do Laboratório com a perspectiva de introduzirmos dispositivos que favoreçam a escuta das crianças, adolescentes e familiares aí implicados.

Responsável: Siglia Cruz de Sá Leão (psicóloga judiciária) - siglialeao@yahoo.com.br.

Participantes: Heloisa Prado Rodrigues da Silva Telles (psicóloga), Chryscea B. Manfrim de Oliveira (psicóloga), Cláudia Margarido Pacheco (psicóloga judiciária), Cláudia Regina Santa (psicóloga), Cláudia Prioste (psicóloga), Esperança C. Oliveira de Moraes (psicóloga), Isabel Martins Ferreira (assistente social), Maria Regina Mello e Souza (psicanalista), Milena Vicari Crastelo (psicóloga), Nanci Mitsumori (pedagoga).

3 - Laboratório (em formação): O imperativo da inclusão escolar

Local de trabalho do laboratório: São Paulo: CLIN-a - Centro Lacaniano de Investigação da Ansiedade (Associado ao Instituto do Campo Freudiano de São Paulo)

Nome do laboratório de Investigação: O imperativo da inclusão escolar

Campo de Investigação: A proposta deste Laboratório é investigar as possibilidades de intervenção nos efeitos de segregação produzidos pelo imperativo da inclusão escolar reinante na pedagogia brasileira. Sob o princípio da universalização do acesso à educação e promoção da equidade, enfatiza-se que as escolas regulares devem garantir a inclusão de todas as crianças. É um ideário que faz complemento à lógica hegemônica da sociedade contemporânea: a da universalização dos modos de gozo que implica na supressão das diferenças e que, inevitavelmente, gera segregação. A segregação – grande mal-estar de nossa sociedade – faz sintoma na educação. Assim, verificamos que quanto maior o empuxo universalizante mais resistentes – e, portanto, mais insuportáveis – se tornam as diferenças irreduzíveis, originando novas formas de exclusão. Frente a isso, alguns educadores e profissionais de outras áreas – também afetadas por esses fenômenos – têm se voltado para a psicanálise em busca de respostas para seus impasses. Justifica-se a criação deste Laboratório, num primeiro momento, como forma de dar acolhida a essa demanda, entendendo-se porém que, sob a orientação do CIEN, a psicanálise não poderá responder do lugar do saber-todo, devendo o trabalho ser direcionado para a transformação de algumas demandas, de modo a favorecer a implicação na conversação interdisciplinar.

Pretende-se verificar de que forma a prática da interdisciplinaridade pode incidir nos efeitos de segregação gerados pelo ideário da educação inclusiva. A direção inicial dos trabalhos aliará a investigação teórica com a discussão das situações de impasse que se apresentarem nas práticas dos

integrantes do Laboratório, ficando aberta a possibilidade de, futuramente, instituir-se a conversação com crianças e/ou profissionais de uma instituição, caso isso se mostre pertinente para o avanço das investigações.

Responsável: Nanci Mitsumori, Rua Carlos Weber, 720 - 91 C - São Paulo/SP, e-mail: nancimitsumori@uol.com.br, fones: (11) 37359919 / 72877998

4 - Laboratório (em formação): O Campo num campo de excluído: a inauguração de uma clínica no Movimento dos Sem Terra (MST)

Local de trabalho do laboratório: Escola Nacional Florestan Fernandes; Guararema- SP

Nome do laboratório: Cultura e Psicanálise

Percorso: Dentro da programação do curso “Produção de Teoria: Pensamento Político Brasileiro”, coordenado pelo filósofo Paulo Arantes, na Escola Nacional Florestan Fernandes (ENFF) do Movimento Sem Terra (MST) em março 2006, incluiu no programa o tema fetichismo em Marx e em Freud, ministrada por uma psicanalista. Isso fez uma questão. Os dirigentes da ENFF: - Em que, além da teoria, a psicanálise pode auxiliar esse movimento social? Isso abriu espaço para a escuta psicanalítica no Movimento, diferenciado de outros atendimentos psicológicos. Na semana seguinte, a ENFF contava com uma clínica de atendimento, com duas psicanalistas. O atendimento abriu espaço para o sujeito se inscrever num “Outro social singularizado”. Ou então, como bem observou Philippe Lacadée nos seus comentários sobre esse atendimento, introduziu-se um outro discurso, o da psicanálise, que permitiu aos jovens militantes ir de um discurso a outro.

“Mesmo quando se é Sem Terra, tem-se uma Outra Terra sobre a qual vivemos que é o país da linguagem, o não falado, onde não se pode dizer tudo”. Assim, o militante reencontrou o indizível, ou

o recalcado que os fizeram se dirigir a um Outro endereço. Ou seja, um outro Território foi acenado - o país do Outro. Isso Freud ensinou ao mundo, conclui Lacadée.

No final desse curso de Teoria, entre os 13 trabalhos de monografias, 3 trataram da teoria psicanalítica. Na cerimônia de apresentação das monografias, alguns alunos implicados numa discussão sobre o conceito de alienação e o de gozo, tal como concebido por Lacan, fizeram um movimento de organização de um laboratório de pesquisa em filosofia e psicanálise do MST.

Num terceiro momento, foi feito o convite para o Professor Paulo Arantes para que juntos pudéssemos organizar um laboratório do CIEN na ENFF. Durante o 1º Encontro Nacional de Educação Infantil do MST (abril, 2207) foram feitos os primeiros contatos para a integração de pedagogos nesse laboratório interdisciplinar para tratar da Cultura e Psicanálise.

Resultados, impasses, perspectivas: Um dos impasses para a formação do Laboratório diz respeito à própria dinâmica do Movimento. Os militantes desempenham muitas funções ao mesmo tempo, além das questões emergenciais, como por exemplo, na preparação do 5º Congresso em Brasília (junho/2007), o departamento educativo do MST organizou atividades culturais para quase duas mil crianças que participaram da Ciranda, durante Encontro.

A perspectiva é incluir a psicanálise na discussão cultural MST.

O resultado é o próprio interesse e implicação de alguns membros da coordenação do Movimento em relação à psicanálise.

Responsável: Maria Noemi de Araújo, Rua Hadock Lobo, n. 234 - CEP 01414-000 - São Paulo - SP, Tel.: (011- 825 76123), e-mail: dearaujosilva@yahoo.fr

Participantes: Profº Paulo Arantes - Filosofia, Ana Chã - MST Cultura, Andréa Batista - Pedagoga

Rio de Janeiro

Uma questão é comum aos vários laboratórios do CIEN no Rio de Janeiro: como acolher a urgência trazida pelos profissionais sem responder tamponando o real em jogo que se apresenta de forma particular nos impasses vividos em cada laboratório?

A angústia desses profissionais é um sinal desse real e, portanto, acolhê-la pela oferta da fala no dispositivo da conversação tem permitido um reviramento que faz o real em jogo funcionar como causa, como motor para a pesquisa, a invenção e a validação dos achados de cada um.

A tensão entre recreação e re-criação, entre o educável e o ineducável, entre incluir e excluir, entre assistência e responsabilização, entre fracasso, desistência ou insistência, entre abandono e separação tem levado cada laboratório a inventar maneiras de lidar com o resto, com o que não encaixa de forma a evitar os processos de segregação.

Maria do Rosário Collier do Rêgo Barros

5 - Laboratório: Aleph

Local do laboratório: Consultório de Ruth Helena Pinto Cohen; 3 escolas municipais, 1 escola particular, uma Fundação e um educandário.

Nome do laboratório: Aleph

Objetivo da pesquisa: Trabalhar com as etiologias do fracasso escolar tendo como suporte teórico a lógica do indecidível, retirada da Prova de Gödel e utilizada por J. Lacan, pois acreditamos que não há uma causa verdadeira ou falsa do fracasso escolar.

Apostamos em um espaço interdisciplinar, aberto à criação, atendendo, desse modo, aos diversos questionamentos que o tema promove nos membros do laboratório. Em outras palavras, nossa proposta é, em um espaço coletivo e interdisciplinar, verificarmos o singular de cada fracasso, na contingência dos casos.

Percursos: Um grupo de profissionais vem se reunindo, em torno do tema do fracasso escolar, cada um de seus componentes provenientes de diferentes campos do saber tais como: educação, ciências sociais, psicologia e psicanálise. Esse laboratório, teve origem no Seminário Psicanálise e Educação, coordenado por Ruth Helena Pinto Cohen, que foi oferecido, em 2005 e 2006, à Seção Rio. Inspirados nas propostas do CIEN temos praticado a conversação que, segundo Lacadeé, faz surgir o detalhe nas vias do sem sentido, do inédito e da surpresa. Em 2005 foi realizado um espaço de conversação com educadores de uma escola da rede pública de ensino do Município do Rio de Janeiro e com adolescentes de 5ª a 8ª séries em uma escola particular, sobre o tema “sexualidade.” Em 2006 a conversação se deu a partir de um trabalho desenvolvido com crianças, com dificuldades na alfabetização, atendidas na Fundação Xuxa Meneguel. Em Setembro de 2006, os encontros se tornaram mensais e o debate girou sobre uma experiência com educadores que vem sendo realizada em um grupo chamado de “capacitação de professores” vinculado ao governo (Multirio). A partir de 7 de dezembro de 2006 iniciamos uma conversação com o laboratório Psicanálise Educação, coordenado por Eliana Bentes Castro. Desta interlocução surgiu outro grupo de conversação liderado por um membro de cada laboratório no Educandário Melo Matos, que atende crianças abrigadas e da comunidade da Rocinha. Esta experiência está em andamento.

Resultados, impasses, perspectivas: Dos trabalhos já realizados estamos colhendo os resultados e fazendo uma pesquisa sobre a predominância dos discursos de Lacan, em 72 relatórios coletados. Os impasses giraram em torno da: resistência; do manejo da transferência, de perversões que às vezes impediam o trabalho, da violência que invade as escolas, do discurso capitalista, com suas promessas de gozo. Nossas perspectivas são de continuar apostando nos espaços de acolhimento da palavra.

Responsável: Ruth Helena P. Cohen ruthcohen@uol.com.br (021) 93794995/ 25110272, psicanalista

Participantes: Gisella Cohen -Tenente Psicóloga, Maria Lucia Tavares Corrêa Dias - Professora, Cientista Social, Monique Vincent- pedagogia e psicanálise, Nidia Lúcia Coelho Edler -Mestre em Educação, Marcia Leite - Coordenadora pedagógica

6 - Laboratório (em formação): Brincante

Local de trabalho do laboratório: Escola de Educação Física e Desportos (EEFD) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Nome do laboratório de investigação: Laboratório Brincante

Objetivo da Pesquisa: A proposta é pesquisar formas de atenuar a dor psíquica das crianças em tratamento quimioterápico e verificar os melhores recursos e técnicas que o brincar oferece para diminuir tensões geradas no espaço hospitalar.

Percurso: O laboratório Brincante resulta da demanda feita pela equipe médica do Setor de Hematologia do IPPMG – Instituto de Puericultura e Pediatria Martagão Gesteira – que vem constatando um enorme sofrimento psíquico nas crianças que se encontram em tratamento quimioterápico, para doenças onco-hematológicas. Frente a essa problemática se propôs reunir uma equipe interdisciplinar que tivesse interesse em pesquisar diferentes formas de minimizar a dor

psíquica desse grupo de crianças. Através da pesquisa Piloto 4 oficinas temáticas surgiram da necessidade de se viabilizar o ato de brincar, no espaço físico da sala de espera dos ambulatórios. O espaço brincante não é meramente recreativo, nele osicineiros atuam como facilitadores do brincar, com uma proposta não diretiva, através do acolhimento e da escuta diferenciada, preocupando-se com a singularidade dos pequenos brincantes.

Resultados, impasses e perspectivas: A partir das oficinas se organizou um grupo de conversação entre os profissionais da área da educação física, e psicanálise. No que diz respeito às crianças, há uma grande mudança no mal estar veiculado ao ambiente hospitalar, fato constatado pelo depoimento dos pais, das próprias crianças e da equipe médica. Impasses: dificuldades: das crianças em abandonar a oficina para a consulta médica; dos alunos de educação física em trabalhar na tensão entre a recreação, o lazer e recriação (campo da psicanálise)

Responsável: Ruth Helena P. Cohen: ruthcohen@uol.com.br; (021) 25110272 - Aderente da Seção Rio de Janeiro.

Participantes: Professoras de Educação Física - UFRJ, Márcia Fajardo de Faria - UFRJ, Karine Lobo Dinis - UFRJ, Marta Ballesteiro Pereira Tomaz - IBMR, Alunos da graduação de Educação Física da UFRJ, Aline Oliveira de Sousa; Andréa Louise Aires Tavares; Camila Ferreira; Cinthia Ramos; Erickson Fernandes Borges; Gustavo Oliveira dos Santos; Joice Souza da Silva; Leandro Motta Nascimento; Luciana Silva Vieira; Luciana Ferreira Guarçoni; Maria Fernanda F. Valadão; Nathalia Ribeiro; Raquel Pinto Linhares; Raquel Vieira de Almeida; Renata de Sousa Lima; Tiara Cristina Pio; Thais Pereira de Abreu; Thiago Coqueiro Mendonça; Sula Alves Escobar; Vanessa Cunha Magman.

7 - Laboratório: *Do Nada a Perder ao Laço Social*

Local de trabalho do laboratório: Casa Maternal Mello Mattos - Rua Faro, 80 - Jardim Botânico - Rio de Janeiro.

Em 2006, Nelisa Guimarães e Nelson Riedel trabalharam no Projeto CLAC (Clínica Lacaniana de Atendimento e Consulta) da Seção Rio da Escola Brasileira de Psicanálise, que instalara uma de suas bases na Casa Maternal Mello Mattos (no bairro do Jardim Botânico).

Tratava-se de atender as crianças abrigadas na situação de órfãs de pais vivos e as crianças que viviam com seus pais e/ou parentes em comunidades como a Rocinha e o Vidigal e que estudavam na Escola Madre Maria Teresa do Espírito Santo, que funciona no mesmo espaço do abrigo. O ciclo da CLAC encerrou-se nesta instituição. Todavia, impasses e questões inerentes à organização do abrigo, ao funcionamento da escola, a dinâmica da relação entre ambas as partes e a localização das crianças nesse espaço institucional não apenas permaneceram vivos como tornaram-se progressivamente mais urgentes e evidentes. O encontro dessa dimensão viva de uma instituição – na qual não se suprime as dificuldades financeiras, nem a comunicação difícil entre os profissionais da escola e as crianças, os cuidadores do abrigo e as crianças que ali moram – com o projeto de abertura do laboratório *Do Nada a Perder ao laço social* permitiu pensar em uma inserção da psicanálise que possibilitasse um outro tratamento para o real e que, conseqüentemente, não corresse o risco de responder a uma demanda terapêutica da instituição de restaurar um suposto funcionamento harmonioso do psiquismo.

De fato, a direção da Escola demandava com urgência uma solução para os conflitos que ocorriam no espaço ensino-aprendizagem, localizando nas crianças a causa desses conflitos.

Em nossas reuniões internas para a formação do laboratório, isolamos essa demanda terapêutica e o enxame de significantes que localizavam na criança, a origem dos problemas escolares e que

dissolviam na multidão sem qualidades, o núcleo de único que habita cada sujeito: repetente, não lê, não escreve, não aprende, louco, agressivo, debochado, abandonado.

A partir dessa reunião, a direção de nossos encontros formais e informais com a diretoria da escola e do abrigo estava traçada: da presença massacrante dos significantes abandono e fracasso escolar que apagam o tratamento único que cada criança concedeu ao encontro com a inconsistência do Outro, à possibilidade de, trabalhando sobre o significante abrigo, fazer a instituição acolher um pouco do único de cada criança. Nesse sentido, nossa direção de trabalho tem possibilitado superar progressivamente a demanda de atendimento individual por parte da instituição, em nome do tratamento do real pela aposta no laço social.

Imprimimos ao funcionamento de nosso laboratório uma orientação conceitual bastante precisa: o avanço traçado por Jacques-Alain Miller da teoria do objeto a no ensino de Lacan e, conseqüentemente, do próprio estatuto do Outro a partir do avanço dessa teorização.

Sustentamos que essa orientação teórica nos permite enlaçar a dimensão histórica que coloca, por exemplo, a partir do século XIX em nossa organização cultural, a alienação como condição para a mais-valia e, nesse horizonte, o enigma referente ao valor assumido por cada ser falante no campo do Outro. Com essa orientação, delimitamos pouco a pouco nossa inserção como laboratório na Casa Maternal Mello Mattos. Trabalhamos em três eixos:

1. Encaminhamento clínico das situações difíceis de fracasso escolar.
2. Prática de conversação para as crianças abrigadas, carentes de atenção singularizada. O objetivo é reconhecer, certificar, suas invenções únicas como sujeito.
3. Prática de conversação envolvendo cuidadores e professores.

3. Grupo de pesquisa com funcionamento mensal proposto pela diretoria da Escola Madre Maria Tereza do Espírito Santo, a partir do significativo abandono.

Responsável: Cláudia Henschel de Lima -psicanalista. Nelisa Guimarães, psicanalista.

Participantes: Nelson Riedel - psicanalista, Ângela Maria Freire (Assistente Social - Casa Maternal Mello Mattos), Maria da Glória de Oliveira Santos (Pedagoga. Diretora da Escola Madre Maria Tereza do Espírito Santo).

8 - Laboratório: Jovens em vulnerabilidade social: novos sintomas

Local de trabalho do laboratório: Favela Complexo da Maré e na sede da ONG “Viva Rio”, na cidade do Rio de Janeiro.

Laboratório: Jovens em vulnerabilidade social: novos sintomas

Campo de investigação: A partir do projeto Resgate da Cidadania que trabalha com adolescentes em duas comunidades - a favela do Complexo da Maré e o morro do Cavalão, com a parceria da ONG “Viva Rio” com a Secretaria Especial de Direitos Humanos - onde são oferecidos programas de aceleração escolar, qualificação profissional, esportes, assistência jurídica, atendimento psicológico, assistente social para o jovem e a família, atividades artísticas e outros; iremos pesquisar a relação do sujeito com a criminalidade, especialmente a que permite a saída dos jovens no tráfico de drogas, considerando a singularidade de cada sujeito. Trabalharemos através de conversações realizadas com os profissionais do laboratório e com os jovens, apresentação de casos e discussão teórica eleita de acordo com o desenvolvimento da pesquisa.

Percurso: Houveram duas conversações com os profissionais do laboratório sobre as dificuldades em lidar com os jovens que participam do projeto e o impasse da saída destes do tráfico de drogas, pois alguns destes jovens do projeto ainda permanecem no tráfico.

Foi feita uma conversação com outros profissionais da ONG sobre a questão da criminalidade entre os jovens. Uma conversação com os jovens também foi realizada, discutindo sobre as mudanças ocorridas em suas vidas ao fazerem parte do projeto. Houve uma discussão teórica a partir da articulação do capítulo: “Invisibilidade e reconhecimento” do livro “Cabeça de porco”, escrito pelo sociólogo Luis Eduardo Soares, junto com Celso Athayde e o rapper M.V Bill, onde a fonte afetiva do crime é abordada, com o capítulo: “A demanda de respeito: um dos nomes do sintoma do adolescente” do livro “O mal entendido da criança”, de Philippe Lacadée.

Resultados, impasses e perspectivas:

Impasses: Os encontros previstos na favela podem ser anulados devido à própria guerra do tráfico.

Perspectivas: Dividir as dificuldades da prática dos profissionais com estes jovens.

Responsável: Simone Bianchi, sincaroch@hotmail.com, (005521) 25355235.

Participantes: Claudia Isaias, Educadora; Circlei Baiense, Educadora; Leila Lino de Souza Lima, Socióloga; Sideise Eloi Gallanger, Psicóloga.

9 - Laboratório (em formação): O avesso da família e a Cidade de Deus

Local de Trabalho do Laboratório: Unidade Integrada de Saúde Hamilton Land - Cidade de Deus - Jacarepaguá.

Percurso: O laboratório pretende se constituir em torno do dispositivo da Conversação, como um espaço de escuta e construção de casos, visando desconstruir o automatismo dos encaminhamentos feitos ao setor de Saúde Mental de um dos postos médicos da rede básica de saúde do Rio. Questionamos a fixidez de classificações tais como “hiperatividade”, “dependência química”, “violência doméstica”, etc; e buscamos privilegiar a singularidade de cada caso e, ao resgatar a história de cada um deles, encontrar saídas e soluções, além das possíveis invenções feitas pelo sujeito.

Esses encontros têm como responsável uma psicanalista – que ocupa o cargo de psicóloga no posto médico; alguns dos profissionais de uma ONG chamada CUFA – Central Única das Favelas; professores e coordenadores pedagógicos das escolas públicas da região e a fonoaudióloga da unidade de saúde. Buscamos formar uma pequena rede-saúde, educação e cultura e lazer – onde o discurso psicanalítico circule e dialogue com as diversas disciplinas e com o saber fazer de cada um em sua prática.

Campo de Investigação: Nesse momento não há um tema específico a ser investigado, mas alguns assuntos tem sido recorrentes: a influência da nomeada “narcocultura” e da violência no processo de aprendizagem e formação das crianças e jovens; as configurações familiares presentes em comunidades carentes, suas peculiaridades e impasses e a questão do fracasso e da avaliação escolar.

Resultados, impasses, perspectivas: Os encontros quinzenais iniciaram-se no mês de maio.

Responsável: Fernanda Dias, psicóloga, psicanalista - Rua das Laranjeiras, 384/804. Laranjeiras. Rio de Janeiro. RJ. Cep: 22240-001 - Tel: (21) 2265-6869. (21) 9996-4938, e-mail:fnddias@uol.com.br

Participantes: Andrea Silva Aleluia. Pedagoga - Coordenadora Pedagógica, Crislaine Maciel de Lima - Assistente Social, Janaína Oliveira de Castro - Pedagoga, Alexandre dos Santos - Psicólogo, Psicanalista, Danielle Hosken de Oliveira - Fonoaudióloga e Médica.

10 - Laboratório: Era uma vez a angústia em terra de desejo

Local de trabalho do laboratório: Escola Municipal Rubem Braga - Rio de Janeiro.

Nome do laboratório: Era uma vez a angústia em terra de desejo

Campo de investigação: Estabelecer uma interlocução confiável entre psicanalistas e educadores. Com isso queremos dizer que objetivamos, além da transmissão do discurso analítico fora da clínica no consultório, o acolhimento das dificuldades vividas pelos professores no ato de educar, a fim de que possamos localizar os impasses que aí se colocam, pensar em novos destinos para os mal-estares daí decorrentes e aprender com as soluções já inventadas. Perguntas que norteiam essa pesquisa: o que a psicanálise pode oferecer aos educadores? como transformar os impasses em causa de trabalho? Como construir novos saberes e manter o lugar do enigma e da dimensão do desejo? como fazer do impossível do ato de educar e de analisar um resto fecundo que permita um salto criativo? como falar e aprender com não psicanalistas?

Resultados: Iniciamos com entrevistas individuais para, em seguida, constituirmos o grupo de conversação com aqueles professores que se interessaram. Sendo assim, nossa presença nesta escola vem desde final de 2003, com encontros quinzenais.

Impasses e Perspectivas: O principal impasse com o qual nos deparamos foi a expectativa inicial da equipe da escola de ser atendida por “especialistas” que teriam a solução para uma acirrada rivalidade entre as diretoras e um grupo de professoras. Nosso primeiro ato foi recusar este lugar, mantendo em

suspenso o uso possível de nossa presença ali, o que deve ser mantido como direção permanente. Como resultado, podemos apontar para a entrada em cena de um novo significante – angústia – em um contexto onde o que predominavam eram queixas sobre a falta de valor do professor como marca da falência das figuras de autoridade. O aparecimento desse significante desloca a falta de valor e introduz a questão sobre o desejo. E é justamente essa torção que dá nome ao laboratório.

Por fim, estamos em um momento de reformulação de nosso laboratório, onde temos como perspectiva uma maior focalização das conversações, a partir da sugestão de uma professora de tratarmos da oposição entre escola ideal e escola real.

Responsável: Maria Cristina Bezerril Fernandes (crisbezerril@uol.com.br) - Rua Figueiredo de Magalhães, 581/C-01 - Copacabana - Rio de Janeiro - CEP: 22031-010 - Tels: 2239-8736 / 9441-7939, Isabel Collier do Rego Barros (bel_barros@hotmail.com) Rua Macedo Sobrinho, 74/201 - Humaitá - Rio de Janeiro - CEP: 22271-080 - Tels: 25381206 / 99661306.

Participantes: Elizabeth Rodrigues Cardadeiro (educação), Isabel Collier do Rêgo Barros (psicanálise), Maria Cristina Bezerril Fernandes (psicanálise), Roberta de Lima Manceira Flores (educação), Sandra Maria Dias Carrapatoso Ribeiro (educação), Therezinha Vaccani (educação)

11 - Laboratório: Causar para não segregar

Local de trabalho do laboratório: Núcleo do grupo cultural AfroReggae na comunidade do Cantagalo-Pavão-Pavãozinho, situado no CIEP João Goulart na zona sul da cidade do Rio de Janeiro.

Nome do laboratório: Causar para não segregar.

Campo de investigação: O campo de investigação que nos norteia se situa no ponto de articulação das chamadas urgências subjetivas e os processos de segregação.

Percurso: Com uma proposta de encontros mensais, a construção desse laboratório teve início em fevereiro de 2007 e, até o presente momento, dois encontros foram realizados. Neles, a conversação busca dar valor aos achados de cada um na contingência de cada situação, sem pretender universalizá-los para apoiar, aí, a integração da equipe.

Perspectivas: Acolher a demanda e suspender uma resposta imediata tem possibilitado operar um corte naquilo que a urgência escamoteia em termos da divisão do sujeito, da dimensão do sintoma e da própria fratura do grupo frente à precariedade dos significantes identificatórios que constituem sua unidade para lidar com o pulsional que sempre escapa.

Considerar o sintoma desde sua amarração ao real como impossível, vem abrindo espaço para o surgimento e o tratamento da angústia – antes encoberta pela proliferação de rivalidades e conflitos alimentados pela lógica da inclusão-exclusão que desconhece os efeitos de segregação em jogo – e também para que o sintoma adquira um outro valor.

Situar o mal-estar a partir da segregação e não da exclusão tem como perspectiva o resgate da dimensão da causa e da singularidade que resiste à integração do grupo.

Responsável: Maria do Rosário Collier do Rêgo Barros (mrcollier@terra.com.br) - Rua Real Grandeza, 182, casa 7 - Botafogo - Rio de Janeiro - CEP 22281-036 - (21) 2579- 0045/(21) 9958-0675, Maria Cristina Bezerril Fernandes (crisbezerril@uol.com.br) - Almirante Pereira Guimaraes, 72/405 - Leblon - Rio de Janeiro - CEP 22440-005 (21) 2239-8736/(21) 9441-7939

Participantes: Bóris Trindade Júnior (coordenador), Cristiane Cardoso (psicóloga), Jaqueline Costa (assistente social), Gilvan Gomes (coordenador pedagógico), Camila (assistente administrativo), Jonathan Rodrigues (agente de projeto), Emerson Nunes (instrutor de circo), Luciana Oliveira da Silva (estagiária do Serviço Social), Stella Cintra (psicóloga), Aline Capparelli Adão (assistente social).

12 - Laboratório: Práticas da Conversação

Local de trabalho do laboratório: Este é um laboratório que se poderia dizer itinerante e que já teve como local de trabalho a Seção Rio da EBP, o colégio Andrews e o consultório de um dos participantes. Hoje ele se reúne mensalmente na Seção Rio da EBP, mas tem sua prática de conversação em três instituições escolares da rede pública, onde são feitas conversações com os professores e encontros com os alunos se utilizando dos recursos poéticos da escrita.

Nome do laboratório: Práticas de conversação.

Campo de investigação: Os novos sintomas decorrentes dos efeitos produzidos pelo discurso da ciência nas coletividades orientaram nossa pesquisa sobre a formação dos grupos sociais, desde Freud até a contemporaneidade. Por um lado, como se orientar a partir da particularidade excluída como alteridade nos traços universais dos ideais nos grupos tradicionais? Por outro, como restabelecer o singular, produzindo um efeito desagregativo, fazendo corte ao empuxo à identificação do mesmo, característica dos grupos contemporâneos?

Percurso: A prática da conversação buscou situar como a psicanálise pode ensinar na construção de algumas respostas aos impasses que se apresentam no campo da educação, assim como aprender com as saídas já encontradas e as construções bem sucedidas inventadas pelos educadores, pelas crianças e adolescentes para sustentar sua posição de sujeito desejante frente ao empuxo atual ao gozo imediato. Durante o laboratório o número de participantes foi variável em função da disponibilidade e do percurso de cada um. Enquanto uns estiveram presentes desde seu início, em 2005, em encontros quinzenais, outros encaminharam seu desejo de saber em direção a outras práticas, incluindo, aí, a construção de novos laboratórios. Os efeitos da conversação no laboratório sobre a prática de cada um foram registrados em atas e em trabalhos produzidos pelos participantes.

Impasses e Perspectivas: A elaboração de encaminhamentos possíveis aos impasses levantados pela prática de cada um permitiu que se colocasse em relevo as mudanças ocorridas nos modos de expressão sintomática que excluem a dimensão do sentido para, aí, re-introduzir a responsabilização dos sujeitos. Com isto pudemos avançar na pesquisa sobre os novos tipos de segregação que surgem como obstáculos vividos por alunos e educadores na transmissão e recepção da cultura, assim como sobre as invenções singulares que tratam a tendência atual à criação de grupos uniformes e homogêneos. A prática da conversação abre espaço, através da afirmação da singularidade do sintoma, para a responsabilização do sujeito por sua diferença, e cria uma perspectiva para o trabalho da psicanálise na interface com a educação.

Responsável: Maria Cristina Bezerril Fernandes (psicanalista) crisbezerril@uol.com.br - Rua Almirante Pereira Guimarães, 72/405 - Leblon - Rio de Janeiro - CEP 22440-005, Maria do Rosário Collier do Rêgo Barros (psicanalista) mrcollier@terra.com.br - Rua Real Grandeza, 182, casa 7 - Botafogo - Rio de Janeiro - CEP 22281-036 - Tel.: (21) 2579-0045/(21) 9958-0675

Participantes: Aline Bittencourt (psicóloga e coordenadora pedagógica), Ana Reis (psicanalista), Carmen Teles (psicóloga), Clarissa Kauss Ramalho (psicanalista), Franciele Almeida (psicanalista), Isabel Napolitani (psicanalista), Isabel do Rêgo Barros (psicanalista), Jana Cunha (psicóloga), Luisa Guedes (psicóloga), Marilene Cambeiro (educadora), Nilci Herzog (coordenadora pedagógica), Pedro Flexa Ribeiro (diretor), Regina Barbosa (psicanalista e educadora), Roberta Manceira Flores (coordenadora pedagógica), Roberta Peregrino (coordenadora pedagógica), Tatiane Grova (psicanalista).

13 - Laboratório (em formação): Intervenção do Poético na escola

Local de trabalho do laboratório: Rua Almte Cochrane 56/212 - Tijuca - CEP 20550-040

Nome do laboratório: Intervenção do Poético na escola

Campo de investigação: A pesquisa está voltada para o problema do declínio da autoridade na contemporaneidade em articulação com o sintoma fracasso escolar tendo como foco, inicialmente, a busca de novas formas para lidar com as também novas subjetividades. O laboratório com o poético surge como uma das formas de lidar com as dificuldades encontradas pelos professores e alunos na aprendizagem/ensino da disciplina Língua Portuguesa, como um facilitador do trabalho com o simbólico, na difícil passagem da criança/adolescente para o conceitual.

Percurso: O atual projeto é fruto de um trabalho iniciado no laboratório PSI-EDU, com pesquisa na intersecção Psicanálise e Educação, coordenado pela psicanalista Maria do Rosário Collier de Barros da EBP-Rio. O projeto foi formalizado como pesquisa acadêmica - PIC-UVA/Programa de Iniciação Científica da Universidade Veiga de Almeida - em agosto de 2006 com o título “Maré poética: laboratório de poesia na Educação” tendo como alvo, então, o atendimento de alunos de escola pública na Maré, bairro da periferia do Rio de Janeiro, e a comunidade escolar da UVA (professorandos de Pedagogia e Letras)

Resultados, impasses e perspectivas: O projeto fundamentou-se em teorias e práticas variadas, interdisciplinares, que envolvem, principalmente, as áreas de Psicanálise, Literatura, Lingüística e Educação, tendo como resultado a pesquisa sobre autores e obras adequados ao trabalho nas oficinas, produção de uma seleta de textos poéticos, a composição de bibliografia específica sobre poesia e a escolha de possíveis direcionamentos no trabalho efetivo com sujeitos que apresentem sintomas relacionados ao fracasso escolar. A pesquisa voltou-se ainda para a observação desses efeitos sobre os sujeitos envolvidos, visando provocar o desejo de saber através do lúdico, do jogo significativo, assim como a maior aproximação entre educador e educando através da “transferência” que surge nesse processo de reconhecimento da realidade interna/externa e dos detalhes que marcam o sujeito

na sua história e na história social, buscando lidar com a segregação em uma realidade assentada no declínio do universal e da autoridade.

Embora a proposta seja de priorizar, na palavra, o poético, contém ainda o desejo de parceria permanente com o trabalho voltado para o artesanato da narrativa de ficção e da prosa-poética como práticas complementares (assim como o ensino gramatical na transmissão regular). Assim, o objetivo principal é a pesquisa sobre a produção e os efeitos do ato poético, que tem sido “deletado”, na prática, e que, por isso, depende de sensibilização do professor envolvido no processo, mas também – por que não? – de uma *techné*, de um saber como.

A equipe do projeto prevê a ampliação da prática efetiva das oficinas, oferecidas à Extensão, assim como a fixação da prática em escola pública para atendimento e observação de pequenos grupos de alunos/sujeitos, e os sintomas relacionados à aprendizagem ou à sua inibição. Assim, a equipe citada prevê a criação de um núcleo de pesquisas interdisciplinares aberto a outras disciplinas, incluindo um processo permanente de autocrítica da situação dos sujeitos do grupo constituído.

Responsável: Marilene Ferreira Cambeiro, Doutora em Letras Vernáculas - Rua Alnte Cochrane, n. 56/212 - Tijuca - CEP 20550-040 - Tel cel: (021) 8145-5414 - marilenecambeiro@terra.com.br.

Participantes: Andressa Savoldi - professora de Língua Portuguesa e Literatura, Elizabeth Batista - professora de Língua Portuguesa e Literatura/Advogada

14 - Laboratório: Nós do fracasso escolar

Local de trabalho do laboratório: Consultório de Ruth Helena P.Cohen e Escola Madre Maria Tereza do Espírito Santo, Rua Faro 80, Jardim Botânico, Rio de Janeiro.

Nome do laboratório: Nós do fracasso escolar

Campo de investigação: O fracasso escolar – De que forma a psicanálise pode contribuir para a investigação de suas causas, efeitos através de um trabalho de conversação com educadores.

Percurso: No primeiro semestre de 2006 dois laboratórios que trabalhavam em torno do tema Psicanálise e Educação se reuniram numa oficina preparatória para a Jornada “Os Nomes-do-Pai”. Ao final dos trabalhos surgiu a proposta de dar continuidade à interlocução entre os dois laboratórios, fato que ocorreu a partir de dezembro do mesmo ano. Deste encontro decidiu-se oferecer a escola, que funciona no Educandário Mello Mattos, um grupo de conversação coordenado por um integrante de cada laboratório.

Surge um novo laboratório, dando continuidade ao trabalho que já estava em andamento.

O laboratório “Nós do fracasso escolar”, vem realizando encontros mensais ocasião, onde são discutidos os efeitos do grupo de conversação que se realiza quinzenalmente no referido educandário. Deste grupo participam professores e diretora da escola.

Resultados, impasses, perspectivas: Inicialmente foi necessário trabalhar o que os educadores esperavam dos encontros, pois solicitavam aulas, palestras sobre o desenvolvimento infantil e sobre o tema da agressividade. Com o tempo começaram a trazer o cotidiano e as relações entre eles. Embora os educadores tenham optado por discutir casos de alunos, isto não ocorreu na prática. Surgiu a necessidade de falar sobre a equipe da escola, suas relações e impasses, bem como sua política institucional que se encontra dividida em dois segmentos: abrigo/escola. Estes dois espaços, por vezes antagônicos, e que têm como interseção o fato de lidarem com as mesmas crianças vem aparecendo nas conversações. Se no primeiro encontro os participantes se questionavam sobre a eficácia dos mesmos, uma vez que o grupo não estava todo presente, nos últimos, após um percurso de trabalho do grupo, onde se questionava a implicação de cada um, começou-se a esboçar a construção de uma

equipe. Vale ressaltar que houve uma mudança no discurso de alguns professores que passaram a trocar experiências minimizando, assim, as habituais disputas e divergências.

Responsável: Monique Vincent - Av. N. S. de Copacabana, 643/303 - Copacabana - Rio de Janeiro - CEP 22050-001 - Tel: (21) 9428-4428 e (21) 2257-3757; e-mail: vincent.monique@gmail.com.

Participantes: Eliana Bentes. Giocondo Magalhães, Monique Vincent e Ruth Cohen.

Minas Gerais

O CIEN em Minas Gerais – coloca-se na perspectiva alcançada por sua visada, refletida tanto no horizonte que a Cidade lhe oferece como belo, como nas minas de Minas Gerais, plenas de pedras – valiosas, certamente – mas não trabalhadas. Sua tarefa, portanto, inclui sobretudo um trilhamento novo pelos caminhos do saber sobre a criança e o adolescente.

Trata-se de um itinerário que dispensa, em certa medida, o conforto do saber já estabelecido, indo ao encontro das pedras – não exatamente da Estrada Real de nosso passado mineiro, mas as pedras do Real em que tropeçamos como profissionais de diferentes especialidades reunidos na responsabilidade de encontrar via pesquisa as novas modalidades de respostas e saber-fazer com os impasses que a Infância e Adolescência nos confrontam.

Maria Rita Guimarães

15 - Laboratório: Novas Formas de Violência

Nome do laboratório: Novas Formas de Violência

Percurso: Na prática, este laboratório funciona desde 1997, a partir da oferta de uma interlocução de psicanalistas com professores do ensino fundamental e médio da rede pública de ensino de Belo Horizonte. Inicialmente foram formados grupos de docentes inquietos com o que não ia bem em suas práticas; a proposta era de outro olhar para a reflexão sobre a prática e capacitação dos docentes. Os professores queriam discutir os problemas de aprendizagem, mas em suas falas surgiam apenas

queixas sobre a indisciplina dos alunos, à agressividade e ao desinteresse deles pelos conteúdos formais.

Em 2003, esta iniciativa tomou outra forma, a partir do contato com Ana Lydia Santiago que nos apresentou a Conversação como uma metodologia de trabalho propícia a fazer emergir, para além das queixas dos professores sobre a indisciplina dos alunos, algo que sobressaia da dimensão pulsional presente nas relações professor-aluno. Ao por em prática a Conversação, o grupo de professores começou a realizar uma nova reflexão, compreender seus alunos de uma outra maneira e, sobretudo, pensar novas forma de agir diante das situações de impasse, ou seja, violência, falta de respeito e agressividade. Nas Conversações já realizadas, a novidade para os professores foi poder pensar a questão da própria subjetividade. Todos os integrantes do laboratório se surpreenderam com suas reações diante das dificuldades apresentadas na relação com os alunos e o deslocamento que eles faziam dessas dificuldades colocadas sempre do lado dos discentes. Neste segundo semestre de 2006, estamos retornando às atividades do laboratório com a intenção de transformar essa “oferta da palavra” (Miller) em um projeto mais abrangente, que possa contemplar um maior número de professores, mediante parceria com órgãos públicos da cidade de Belo Horizonte.

Responsáveis: Catarina Angélica Santos - catarinaangelica@terra.com.br; Marília Pires Botelho - mariliapbotelho@yahoo.com.br; Maria Angélica Bernardes Santos - bilapsi@gmail.com.

Participantes: Professores da Rede Pública de Belo Horizonte.

16 - Laboratório: Ser professora, mãe, mulher...

Percursos: A presente proposta de laboratório surgiu na seqüência de uma pesquisa de mestrado desenvolvida na Faculdade de Educação da UFMG e concluída em 1997 sobre o adoecimento de

professoras do ensino fundamental em Belo Horizonte. Essa pesquisa foi orientada por Eliane Marta Teixeira Lopes e propiciou a construção de um grupo de estudo em Psicanálise e Educação – “B-ache” – se dedicou a esta questão do mal-estar dos professores, por meio da escuta dos mesmos. Considerando o mal-estar próprio da condição humana, e, por conseguinte inerente a cada sujeito, o que acontece no que tange ao trabalho, ou qualquer outra situação institucionalizada, é que o sujeito passa a se relacionar mais diretamente com o outro, evidenciando-se assim duas ou mais “posições de mal-estar”, configurando a sensação de estranhamento, de infelicidade.

No campo educacional essa tensão entre “posições de mal-estar” na escola não é bem acolhida. A educação busca apaziguar o insuportável, não deixá-lo aparecer. Em relação aos professores evidencia-se uma certa recusa em abordar determinadas questões, como por exemplo o homossexualismo, a raça e etnia, o gênero, a religião e a própria subjetividade. Mas a negação do mal-estar tem conseqüências. A instituição, quando sutura o mal-estar, se transforma em fonte de mal-estar. Esse insuportável no campo educacional tem se manifestado através de sintomas, tais como: alunos “indisciplinados”, que não aprendem e professoras desinteressadas, que adoecem.

Freud lembra-nos da dimensão impossível presente na educação. Essa dimensão compromete o ideal e ressalta a falha na transmissão. Perguntarmo-nos sobre a predominância, na educação – sobretudo no ensino fundamental – de um contingente feminino, cujo discurso se caracteriza pela queixa, foi o que nos forneceu pistas para investigar o adoecimento. O adoecimento se apresenta em muitos casos como uma saída para lidar com o mal-estar instaurado nesse campo. O mal-estar, por não poder se explicitar no cotidiano escolar, afeta o sujeito retornando sob a forma de adoecimento.

Adoece o sujeito, por não conseguir simbolizar o mal-estar, não conseguir transformá-lo em palavras. Na perspectiva psicanalítica, os processos mentais são em si próprios inconscientes, só se tornando conscientes através dos sintomas. Freud, a partir da observação de um caso clínico, concluiu que:

“Todos os sintomas demonstravam ter um significado, sendo que estes apareciam em lugar das ações não efetuadas”.

O sintoma seria assim, não o sinal de uma doença, mas a expressão de um conflito inconsciente, que muitas vezes se manifesta no corpo. Para a Psicanálise o corpo se apresenta na dimensão do discurso, sendo também a condição de existência desse discurso.

Na experiência histórica o corpo se faz sintoma e esforça-se por dizer o que não pode ser dito.

Não havendo espaço no campo educacional para se falar do mal-estar inerente à condição humana, pois com a entrada do sujeito na cultura, há uma renúncia à satisfação plena do instinto, gerando um estado de insatisfação, outras saídas hão de ser construídas: uma das possibilidades é o adoecimento das professoras e professores.

Esse laboratório se propõe a escutar esse mal-estar e aposta na interrogação do discurso de professores e professoras acerca de seu desejo de educar.

Responsáveis: Margareth Diniz - dinizmargareth@yahoo.com.br.

Participantes: Professores e professoras do ensino fundamental da Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte.

17 - Laboratório: *Trocando em miúdos*

Percurso: O laboratório de investigação “Trocando em miúdos” ganhou esse nome por permitir associações importantes com a nossa proposta. Trata-se de uma expressão brasileira que quer dizer: expressar, manifestar, expor, explanar. É isso que buscamos em nossas Conversações: “trocar em miúdos”, recorreremos à palavra na busca de contornarmos o mal-estar presente nas relações

educativas. Expressar, dar espaço para que se possa falar, apostando que algo possa se operar a partir dos encontros e desencontros que a palavra possibilita. “Miúdos” traz também à lembrança, as pequenas crianças portuguesas que marcam a história tráfico-marítima brasileira no século XVI, cuja nomeação herdamos. Ainda sobre o significante “trocar”, ele é utilizado pelos professores para justificar a força do dispositivo da Conversação: “Podemos trocar palavras e idéias e isso nos renova”. Esse laboratório teve início no ano de 2004, na Escola Municipal Senador Levindo Coelho em Belo Horizonte. Pertence a área de risco do “Aglomerado da Serra”, cuja população de crianças e adolescentes é enorme e crescente, assim como às temeridades a que estão expostos: tráfico de drogas e violência, abuso sexual, morte prematura, gravidez precoce, problemas escolares, dentre outros. Surgiu através de uma parceria do Centro de saúde da região com a escola, na busca de ações interinstitucionais e interdisciplinares que dessem um rumo menos dramático para aquelas crianças e adolescentes. A aposta na Conversação tem trazido efeitos inesperados e possibilitado aos professores criar um envolvimento diferente com os seus alunos, na produção de novas situações que os desperte para a aprendizagem pedagógica e para a construção de novos laços sociais.

“Trocando em Miúdos” está também se propondo, a servir de espaço onde se realiza a pesquisa de mestrado “O mal-estar do professor frente à criança-problema”, de Margarete Miranda sob a orientação de Ana Lydia Santiago, em que a Conversação tem sido utilizada como metodologia de pesquisa em Psicanálise e Educação.

Laboratório de Investigação: Conversação com os professores e alunos da Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte - MG - Brasil

Responsável: Margarete Miranda - margaretemiranda@hotmail.com.br; Joyce Palhares França e Ana Lydia Santiago - a.lydia@terra.com.br

Participantes: Professores da Escola Municipal Senador Levindo Coelho, alunos e pais.

18 - Laboratório: Porta-voz do sujeito

Percorso: Este laboratório iniciou suas atividades em uma Escola Estadual de ensino especial, localizada na cidade de Belo Horizonte/Minas Gerais, no mês de março do ano de 2001, com o objetivo de esclarecer para os professores alguns casos de “criança-problema” considerados verdadeiros enigmas para os educadores. Tratava-se de cinco alunos em situação de fracasso escolar, resistentes à aprendizagem e, sobretudo, apresentando um comportamento perturbador na sala de aula e nos outros espaços da instituição escolar. O estudo de caso, por meio de entrevistas com o aluno, constituiu o instrumento de investigação para a construção da história da criança e fomentou a Conversação com os professores. Os resultados deste trabalho foram: os efeitos terapêuticos sobre as crianças, a mudança do olhar dos educadores sobre cada as “crianças-problema” e o despertar do desejo de ensinar nos professores.

Após esta experiência, o Laboratório realizou o mesmo trabalho em outras duas escolas da rede privada, preocupadas em inventar uma outra maneira de abordar os alunos considerados “criança-problema”, que não fosse a exclusão. Em cada Escola foram estudados cinco casos.

No último ano, o Laboratório estabeleceu parceria com o Centro Pedagógico da UFMG também para estudar casos de “crianças-problema”, mas este trabalho tem sido feito, não com os alunos, mas com os professores que constituem um grupo de 20 participantes.

Através de Conversações tem-se buscado abordar o mal-estar destes professores no trato com determinados alunos.

A participação é flutuante. No último semestre participaram também do grupo uma pedagoga e uma psicóloga.

Responsáveis: Ana Lydia Santiago - a.lydia@terra.com.br, Maria Lúcia Castanheira - lalu@fae.ufmg.br.

Participantes: Mônica Dayrel, Hideraldo Costa Alves - hicrivijo@ig.com.br, Maria Elisa dos Mares Guia, professores e orientadores do Centro Pedagógico.

19 - Laboratório (em formação): Escola da Juventude

Este laboratório objetiva a oferta da palavra a adolescentes com trajetória de fracasso escolar na Escola da Juventude.

Esta Escola da Juventude é situada em uma das regiões da cidade que registra alto índice de violência da parte de adolescentes. Ela foi criada em 2006 pelo poder público municipal diante da constatação do número elevado de jovens desta região, que mesmo tendo cursado o ensino fundamental, ainda não tinham aprendido a ler e escrever. Como é sabido, a implantação de políticas públicas nem sempre é sinônimo de resultados favoráveis em relação ao problema. Foi o que demonstrou a Escola da Juventude: os jovens não permaneceram na Escola. Marcados pela exclusão em diversos aspectos – condição social, familiar, escolarização, etc. – os alunos levaram para a escola seus conflitos, transformando o espaço educativo em um verdadeiro campo de batalha contra os professores e autoridades. A escola foi reestruturada e reaberta com profissionais altamente qualificados, porém, mais uma vez, o que se apresentou foram os conflitos dos jovens. Depois disso, eles são identificados por diversos nomes: violentos, indisciplinados, desordeiros, fracassados e infratores. Os professores, diante disso, resistem ao trabalho de transmissão.

A proposta do Laboratório Escola da Juventude é o de tentar incluir, neste programa educativo, os conflitos dos alunos ou, em outros termos, fazer existir o “mal” no “bem”.

Deixar aflorar e destravar as identificações dando a esses alunos a oferta da palavra para que eles digam daquilo que vivem e como vivem é o desafio desse laboratório.

Responsável: Renata Nunes Vasconcelos (renatanunesv@terra.com.br); Ana Lydia Santiago (a.lydia@terra.com.br); Aline Figueiredo.

Participantes: adolescentes da escola da juventude.

20 - Laboratório: a-Palavrar

Local de trabalho do laboratório: Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.

Nome do laboratório: a-PALAVRAR.

Campo de investigação: Partindo da perspectiva do trabalho interdisciplinar – medicina, pedagogia, psicanálise – aproximar-se do impossível da questão sexual, sobretudo quando ela comparece como conteúdo a ser “ensinado” nos ciclos iniciais da escolarização. O desafio surge todavia maior quando se “sabe” que grande número do alunado já mantém vida sexual ativa. Reintroduzir a palavra; introduzir a possibilidade de formular a pergunta sobre a sexualidade; alargar a estreita passagem do “politicamente correto” da “educação sexual” introduzida como matéria curricular devido sobretudo ao crescimento de gravidez na adolescência, e o ratear do sexo para cada um que fala, de modo a que não se reforce o que tanto se quer prevenir, é o que pretende verificar como ‘saber-fazer’ com o impossível, pelo Laboratório. Do marco do “não-educável” que deixará distante, tanto quanto seja possível, o Ideal do saber-fazer, o Laboratório investigará as dificuldades da questão, no campo educativo, como ponto privilegiado para entrever novas respostas, possivelmente mais inventivas.

Percurso: a-Palavrar surgiu de uma experiência de conversação com educadores de uma escola da rede municipal da cidade de Belo Horizonte, que buscaram ajuda, via a psicanálise, para os impasses que o trabalho cotidiano de ensinar lhes apresentava – sobretudo impasses trazidos por comportamentos agressivos e de ordem sexual apresentados pelos alunos. À mudez dos educadores

respondia o ato do aluno e, reciprocamente, o inverso. A conversação permitiu efeitos de atenuação de tais respostas imprimindo a direção de pesquisa do Laboratório a-PALAVRAR.

O Laboratório, dentro da formalização de “funcionamento” do Cien, inicia-se com suas reuniões regulares, estruturadas e definidas em relação à pesquisa em fevereiro de 2007.

Responsável pelo Laboratório: Maria Rita de Oliveira Guimarães, Rua Turibaté, 50/401, Sion - Belo Horizonte - Minas Gerais, Tel.: (031) 3223 33 88, (031) 91668657 - mariarita.guimarães@gmail.com - mariaritag@hotmail.com

Participantes: Ana Araújo - pedagoga, Clara Maria Macedo de Paula - pedagoga, Licínia Paccini - médica, Maria Aparecida Farage - psicanalista, Maria das Graças Sena - psicanalista, Maria Rita de Oliveira Guimarães - psicanalista, Patrícia Torres Lucio - pedagoga

21 - Laboratório: Língua Viva

Local de trabalho do laboratório: PUC Minas - Praça da Liberdade, Av. Brasil, 2023.

Nome do laboratório: Língua Viva

Campo de investigação: Violência Urbana

Percurso: o trabalho do laboratório iniciou a partir dos impasses enfrentado pela prática de um programa de prevenção à criminalidade de Belo Horizonte – Fica Vivo. Este programa é voltado para jovens de 12 a 24 anos, moradores de favelas com altos índices de homicídios. As discussões em torno do tema levaram os integrantes do laboratório a convidar trabalhadores dos Centros de Internação de Adolescentes de Belo Horizonte para participarem das discussões. Embora a prática dos dois trabalhos se dirijam para espaços diferenciados, um no meio aberto – nas favelas e, outro no

meio fechado – os Centros, foi possível traçar os pontos de conexões e de interface entre os dois a partir das discussões sobre a violência na prática de cada um destes trabalhadores.

Resultados, impasses, perspectivas: A discussão tem sido feita em torno do primeiro ponto de impasse para os dois trabalhos: os territórios. Se nas favelas um dos motivos apresentados para o aumento da violência é a questão do território, como isto se dá nos meios fechados dos Centros de Internação? Qual o efeito que uma medida de internação na vida de um jovem? Como construir seu retorno para a rua? Em que o programa Fica Vivo pode se conectar com os Centros de internação e vice e versa. Ou seja, como podemos avançar na questão territorial a partir de uma leitura diferente do dentro e do fora. Como a psicanálise através da sua escuta nestes espaços pode fazer avançar os pontos de impasse.

Responsável: Ludmilla Feres Faria - psicóloga, ludffaria@uol.com.br.

Participantes: Alessandro Pereira dos Santos - psicólogo, Amanda - psicóloga, Ana Dorotéia Vinci de Almeida Amaral - serviço social e psicologia, Ângela Maria Dias Nogueira Souza - pedagoga, Bernardo Micherif Carneiro - psicólogo, Cristiana Pittella de Mattos - psicóloga, Elaine Rocha Maciel Carneiro - Psicóloga, Fídias Gomes Siqueira - psicólogo, Joana Ângelo Ladeira -psicóloga, Marina da Cunha Pinto Colares - psicóloga, Michele Duarte - psicóloga, Josiane Gomes Soares - psicóloga, Luciana da Silva - psicóloga, Maria José Gontijo Salum - psicóloga, Nádia - historiadora, Paola Cristina Soares da Silva - Socióloga, Ricardo Ribeiro Martins - psicólogo, Vera da Silva Vilela - assistente social, Camila Campos Colares Botelho - psicóloga, Bruna Simões de Albuquerque - psicóloga.

22 - Laboratório (em formação): Nonada

Local de trabalho do laboratório: itinerante

Nome do laboratório: Nonada

Campo de investigação: Violência Urbana e soluções

Percurso: *Nonada: Construções Urbanas*. Nonada é a palavra – única –, palavra frase, de abertura do Romance de Guimarães Rosa – “Grande Sertão: Veredas”. Envereda-se, assim, pelo início do relato das cenas de uma guerra. E serão várias e com variedades ao longo do texto. E se vai longe, da profissão de guerrear, às guerras do atalho do desejo, do amor, da sobrevivência, do luto, da política, da existência.

Na vereda urbana, o Laboratório NONADA (CIEN-BH) se dedicará à discussão da prática dos Programas existentes na cidade, que lidam com as veredas adolescentes da guerra urbana. São vários os atalhos, sendas, trilhas, enfim, as veredas.

Para ler Guimarães, sabemos, é preciso laçar seu som, fluir um ritmo, galopar espaços, palavrear leitura ora lento, ora ligeiro. Para atravessar e ser capturado por seu texto é preciso não recuar frente à estranheza do seu escrito, do seu estilo. Suportar o virar ansioso das 15 primeiras páginas.

Os jovens também estão frente ao umbral que convoca a uma travessia. Setor fronteiro, de decisão, tempo de metamorfose linguageiro. Na atualidade, as palavras e suas inscrições têm uma forma peculiar de expressão. O dizer e escrever de uma época exige da outra ponta, de outra geração, um exercício de poesia para poder ler, escutar, aprender, falar com eles.

As construções urbanas, dos adolescentes e dos trabalhos construídos ao seu redor, nos agregará em Nonada. Deste tema, propomos um primeiro recorte visando extrair as conseqüências atuais da violência urbana e as respostas da cidade para o seu tratamento.

Das práticas de atos infracionais e do colocar-se em risco, contra si e contra o outro, que enodam as construções. Atos, que podem ser nomeados como “atos infelizes” – (expressão utilizada pelo Dr. José Honório, Juiz da Vara da Infância e da Juventude de Belo Horizonte) –, restos que escapam aos sujeitos num delicado tempo de travessia. A justiça dispõe de um instrumento, as medidas sócio-educativas; as políticas que as executam propõe formas de abordagem, os trabalhos nas comunidades outras formas (...), e assim por diante, contamos com profissionais trabalhadores desses lugares. Teremos no laboratório, além da interdisciplinaridade, o que se designa no campo das políticas públicas de intersetorialidade – os vários setores envolvidos com a mesma temática.

Responsável: Cristiane Saude Barreto Napoli - Psicóloga - Rua Araguari, 1470/301 - Santo Agostinho - CEP 3019-111 - Belo Horizonte/MG - E-mail: cristianebarretonapoli@yahoo.com.br - Fone: (31) 96135887

Participantes: Maria de Lourdes Santa Gema - Promotora de Justiça / Ministério Público de Minas Gerais, Sérgio Mattos - Psicólogo, Débora Matoso - Psicóloga, Carla Capanema - Psicóloga, Adriane Barroso - Psicóloga, Ingrid Martins - Psicóloga, Maria Elisa Lopes - Advogada, Zauder Domingos Sifuentes Abreu - Assistente Social, Cláudia Valéria Andrade - Assistente Social e estudante de Direito.

23 - Laboratório (em formação): Linguafiada

Local de trabalho do laboratório: Orfanatos e escolas municipais de Belo Horizonte situadas nas proximidades dos grandes aglomerados da capital, junto a crianças de 0 a jovens de 16 anos.

Nome do laboratório: Linguafiada

Percurso: O Línguafiada surgiu como um projeto de extensão do Centro Universitário de Belo Horizonte, na interdisciplinariedade entre Letras e Psicanálise. A partir da escuta psicanalítica, interrogamos a presença desconcertante, nas escolas, de hábitos linguajeiros em que predominam a injúria e a afronta. Observamos que crianças e jovens abandonados ou consideradas insuportáveis – aqueles dos quais os pais e a escola já desistiram – expressam, através de uma língua de fogo, o sentimento de abandono com o qual são compelidos a viver, como defesa em impasse contra a exclusão e segregação. Desde esse diagnóstico, investigamos as possibilidades de tratamento dessa língua de gozo pela convivência com a poesia.

Campo de investigação: O Línguafiada pretende fazer uma intervenção no regime da língua de gozo de que são servos crianças e jovens segregados do laço social por sua condição de orfandade, através de uma convivência com a língua e a literatura. Através dessa convivência esperamos recuperar o regime da comunicação onde vigora o regime das provocações linguajeiras e dos insultos. Trata-se, de desafiar e afiar essa língua de gozo por meio de oficinas que utilizam o jogo com as palavras, com os sentidos e com as criações poéticas recheadas de humor e ditos espirituosos. Esperamos desapertá-los para o poder cortante da palavra poética de forma a torná-los embriagados com o poder de fogo das palavras gentis e cheias de graça. Como uma mão estendida por uma fenda, o Línguafiada espera desmanchar a muralha de gozo que encerra essas crianças e jovens fora do sentido, pois acreditamos que o humor e a poesia abrem espaço para o riso, a imaginação e a invenção. Nosso desafio é o de conseguir despertá-los para o gosto de viajar com as palavras, brincar com os sons e ficar ligado, conectado com as coisas do mundo e do coração e, assim perceber que o uso da palavra poética é a arma absoluta: metralha-se o mundo inteiro com um sorriso ou um dito espirituoso. Prescindindo de narrativas edificantes, oferecemos a literatura que joga com a sonoridade da língua, prosa poética bem humorada, jogos e charadas, rimas e trava-línguas, adivinhas e parlendas.

Assim esperamos virar as palavras pelo avesso e oferecer uma língua viva que seja vetor de articulação ao Outro.

Resultados, impasses, perspectivas: Através dessa convivência, estamos criando uma rotina de letras que apostamos ser capaz de ampliar as possibilidades do sujeito infantil e adolescente elucubrar uma linguagem, articular-se ao saber do Outro e encontrar novas formas de inserção no laço social. Inicialmente nossa intervenção tem cuidado de suscitar o desejo de brincar com língua e a literatura, condicionando nossas oficinas à particularidade daquilo que interessa e perturba esses sujeitos. Sem excluir ou repudiar qualquer forma de expressão que lhes seja própria, privilegiando as palavras, palavrinhas e palavrões que os representa e criando instrumentos de endereçamento ao Outro de seu modo de gozo, temos despertado o gosto pela palavra e pela conversação. Nossa perspectiva é de implicá-los, cada vez mais, num esforço de poesia de tal forma a torná-los irresistíveis no ofício da palavra.

Responsável: Marina Caldas Teixeira - Psicanalista, mcaldas@uai.com.br

Participantes: Hércules Tolêdo Corrêa - Doutor em Letras, Pesquisador do CNPq na área de letramento literário, Leo Cunha - Jornalista e escritor de literatura infanto-juvenil, Solange Campos - Especialista em literatura infanto-juvenil., Tacyane Elizabeth V. O. L. Guimarães - estudante de Letras, Samya Marcatti Perpetuo - estudante de Letras, Elias de Souza da Silva - estudante de Letras, Mislaine de Almeida Dias Santos - estudante de Letras, Maria Carolina Teixeira - estudante de Letras, Suelen Rodrigues Soares - estudante de Letras

24 - Laboratório: Laboratório de investigação sobre Psicanálise e Arte

Local de trabalho do Laboratório: Projeto Cariúnas - Escola de Artes e Música para crianças e adolescentes em situação de risco social. Belo Horizonte - Minas Gerais - Brasil.

Nome do laboratório: Laboratório de Investigação sobre Psicanálise e Arte.

Campo de investigação: A psicanálise e a arte tornaram-se parceiras neste trabalho com crianças e adolescentes em situação de risco social. A prática instituída pela arte no Projeto Cariúnas, através do teatro, da música e da dança, interpela os sujeitos que procuram um lugar para dizer das emoções suscitadas pela arte, bem como testemunhar as modificações a que estão sujeitos quando tem que assumir a “causa artística”. A psicanálise opera aí oferecendo um lugar de fala e de escuta, que possibilita ao sujeito decidir-se por seu desejo. As reuniões do Laboratório incluem alguns participantes do Projeto e serão realizadas reuniões bimestrais com familiares e com a comunidade, cuja temática será decidida por todos em torno do tema da psicanálise e da arte.

Percursos: Através da Universidade realizamos um trabalho de atendimento ambulatorial, de orientação psicanalítica lacaniana a crianças e adolescentes no Projeto Cariúnas. Este trabalho, realizado desde 2003, produziu efeitos notáveis na comunidade de jovens artistas. A proposta do CIEN foi a contingência que nos enlaçou e proporcionou, a partir da criação do Laboratório, um espaço de discussão onde, do lugar vazio de saber temos podido vislumbrar algumas questões que tangem a psicanálise e a arte no trabalho com crianças e adolescentes em situação de risco social.

Responsável pelo Laboratório: Inês Seabra de Abreu Rocha.

Participantes: Inês Seabra - Psicanalista, Cristina Vidigal - Psicanalista, Tânia Mara Lopes Cançado - Musicista, Rafael Anderson Guimarães Santos - Artista Plástico - Músico - Pedagogo, Elisa Fonseca de Pina - Psicóloga - Musicista, Cláudia Regina Torsani Duarte - Psicanalista, Júnia Campos Lara -

Psicanalista, Cláudia Márcia de Lima - Assistente Social, Dulcelina Campos Ferreira Campolina - Pedagoga

25 - Laboratório (em formação): Entrar no movimento

Local de trabalho do laboratório: periferias e favelas de Belo Horizonte e cidades da região metropolitana de Belo Horizonte - localidades onde os jovens moram.

Nome do laboratório: Entrar no movimento.

Campo de investigação: O presente laboratório tem por objetivo tornar-se um espaço de investigação e acompanhamento acerca da circulação dos jovens no espaço urbano.

Lugares, modos e movimentos onde eles se conectam, como uma tentativa de lidar com o sem sentido. Pretende-se discutir as diversas situações vividas ou encontradas por jovens das periferias e favelas de Belo Horizonte e cidades da região metropolitana de Belo Horizonte e, que se constituíram em pontos de impasse e invenção dos mesmos frente ao real *hors sens*.

Pelo seu próprio nome, o laboratório será um lugar de discussão dos movimentos dos jovens – funcionando através de um encontro mensal –, dentro ou fora destes espaços onde moram. Investigaremos o modo como se articulam com os demais acontecimentos da cidade, com outros grupos, para captar qual o movimento dos jovens em busca de construção de uma identidade e de pertencimento.

Percurso: O interesse dos proponentes em constituir este laboratório se dá a partir do percurso de trabalho em políticas públicas para juventude, e a partir das perspectivas de trabalho em bairros de periferia ou favela das cidades de Belo Horizonte e região metropolitana. Os proponentes são diretores de uma instituição sem fins lucrativos, Pacto Desenvolvimento Social e Pesquisa, que se propõe a

articular interesses da sociedade civil junto ao poder público e iniciativa privada, com o intuito de promover intervenções em favor do desenvolvimento social, mobilização e organização comunitárias, entre outras finalidades.

Impasses e perspectivas: Estes lugares são marcados pela escassez de alternativas, equipamentos públicos, onde é maior a dificuldade de acesso à cultura, lazer e entretenimento e, muitas vezes, nos relatos das pessoas, lugares onde “não se tem nada para fazer”.

A desocupação é apontada assim por muitos moradores, sendo uma constante queixa, decorrente da vida nestes espaços, que muitas vezes geram impasses, pois, estão separados ou recortados dos demais espaços da cidade, não parecendo que estão dentro da mesma cidade.

Investigaremos nestas localidades, pontos da vida, características, especificidades, dificuldades, e quais questões ou respostas são criadas. A saber, pontos de invenção destes jovens, para o melhor ou para o pior.

Desta maneira, o laboratório não pretende investigar um fato isolado, tal como a cultura, a música, a violência, as gangues, mas sim, investigar o movimento dos jovens, seus pontos de articulação e mobilização, suas formas de organização, seja na escola, na cultura, na relação cotidiana com outros jovens ou moradores, família.

Responsável: Fídias Gomes Siqueira - psicólogo (fidias_siqueira@yahoo.com.br), Ricardo Ribeiro Martins - psicólogo e Alessandro Pereira do Santos - psicólogo.

Participantes: contará com a participação de jovens locais, estudantes, professores, diretores de escolas, lideranças comunitárias, representantes de associações, rádios comunitárias, creches, pedagogos, assistentes sociais, psicólogos, profissionais de centros de saúde, da saúde mental, da localidade onde o laboratório acontecerá.

26 - Laboratório: Medidas de liberdade e responsabilidade

Local de trabalho do laboratório: Vara Infracional da Infância e Juventude de Belo Horizonte - Av. Olegário Maciel 600 - Fone: 3272-41-33, ramal 6724 ou no setor (SAASE - Setor de Atendimento ao Adolescente em Situação Especial), ou seja o setor técnico que acompanha a execução das medidas sócio-educativas em meio aberto.

Nome do laboratório: Medidas de liberdade e responsabilidade.

Campo de investigação: Psicanálise e direito. A partir da prática no citado setor e vara do Tribunal de Justiça de Minas Gerais – TJMG –, deparamos com a noção de responsabilidade no direito atrelada à culpa. O jovem comete um ato infracional, ou seja infringe um artigo do código penal e após o devido processo legal recebe da autoridade judiciária a medida sócio-educativa ou protetiva que julgar condizente com seu ato e sua capacidade de cumprir a medida do Estatuto da Criança e do Adolescente. O juiz responde ao ato do jovem com a medida aplicada e seu cumprimento indica, de certa forma, a responsabilização do sujeito ou não. Verificamos que alguns jovens não se culpabilizam, o que nos faz investigar a noção de responsabilidade – como um modo de resposta.

Para daí podermos investigar a pertinência de uma medida sócio educativa de liberdade, seus efeitos sobre o jovem e o que pode ser construído de responsabilização no cumprimento da medida.

Percursos: Desde o primeiro encontro com o CIEN pudemos participar com um primeiro laboratório, cuja percurso está no texto da publicação daquele evento. Nesse momento o tema das medidas e da responsabilidade surgiu na discussão preparatória ao 3 Encontro Americano. Nossa prática obriga-nos a colocarmos diante de um jovem infrator, a questão de que medida socio-educativa seria mais adequada a ele, pois o ato infracional não a determina, embora a gravidade do mesmo seja levada em consideração. Neste sentido, a lei abre uma brecha para que a dimensão subjetiva e as contingências

sejam levadas em conta ao se determinar uma medida. Um tempo também é necessário para verificar o modo como o jovem faz uso desta medida, implicando necessariamente a noção de responsabilidade, ou seja qual a resposta que o jovem dá ao dispositivo jurídico.

Impasses e perspectivas: Cabe ao juiz investigar se quem cometeu a infração teve “dolo” (intenção de praticar o ato), se ele agiu em estado de necessidade, se foi uma defesa. Para o direito a capacidade de culpabilidade se relaciona às condições de quem comete o ato de entender o caráter ilícito do que ele estava fazendo. No entanto nos deparamos com alguns jovens em que esta dimensão da culpa não aparece, não surge diante do ato. Se tomamos o ato como uma resposta do sujeito – no sentido de que ele é responsável –, como pensarmos essa noção de responsabilidade no direito? O fato do ato ser uma resposta do sujeito, já implica que ele é responsável? Ou ainda, essa é uma das possibilidades do cumprimento da medida?

Ao pensarmos em uma responsabilidade que não esteja atrelada à culpa, algumas questões se colocam para continuarmos investigando:

- como pensar a subjetivação sem culpa?
- como pensarmos a responsabilidade sem subjetivação?

Torna-se importante trabalharmos estas noções: culpa, subjetivação e responsabilidade na perspectiva de se investigar as medidas de liberdade propostas pelo tribunal assim como o uso que o adolescente faz desta medida.

Responsável: Cristina Nogueira - assistente social judicial

Participantes: Cristiana Pittella de Mattos - psicóloga, Etheo França - psicóloga(3224-5684), Alda - assistente social judicial e psicóloga, Marcela - psicóloga judicial, Simone Myriam - assistente social

judicial, Edméia - psicóloga, Inês Seabra - psicóloga, José Honório de Rezende - juiz, Célio Garcia - psicólogo, Mônica Campos Silva - psicóloga.

27 - Laboratório: *Entre as fronteiras das práticas sócio-educativas*

Local de trabalho: Rua Major Laje, nº 208, Bairro Santa Teresinha - Belo Horizonte - MG

Nome do laboratório: “entre as fronteiras das práticas sócio-educativas”

Campo de Investigação: Estamos orientados pela pesquisa sobre os modos de convivência e o laço social que se apresentam na experiência das práticas sócio-educativas, em seu território e fronteiras, investigando os embaraços, possibilidades, funcionalidade e limites desse campo aberto ao impossível, nomeado como “sócio-educativo”.

Percurso: A construção deste laboratório teve seu início causado pelas discussões sobre a prática sócio-educativa, por ocasião do II Encontro Americano. Até o momento, aconteceram sete encontros. Com uma proposta de encontro mensal, a conversação tem sido o dispositivo utilizado para cerzir o enlaçamento das diversas questões e situações apresentadas por esse múltiplo que freqüenta nossos encontros interdisciplinares. A partir do trabalho de muitos, pelas práticas que recebem na cidade a nomeação de “prática sócio-educativa”, temos investigado os elementos comuns que estão presentes na diversidade destas experiências, causados pelas situações de quando o real da adolescência se embaraça ao sintoma social evidenciando a complexidade do percurso.

Resultados, impasses e perspectivas: O Laboratório tem tido seus encontros animados pela conversação em torno de situações de impasses e embaraços que atravessam a experiência da prática sócio-educativa. O que define uma prática como sócio-educativa? Importante se mostrou cunhar uma orientação diante desta questão, pois a ausência de uma orientação faz consistir a funcionalidade

segregativa de soluções que, alinhando-se à lógica da adaptação e repressão, mortificam a convivência pelo engessamento das regras dos regimentos institucionais ou na exigência de eficácia das políticas públicas. A prática sócio-educativa faz-se viva quando se orienta a partir do saber do sujeito adolescente, abrindo uma porosidade na exigência absoluta dos significantes mestres que cotidianamente são oferecidos através dos discursos, a saber: os discursos jurídicos, pedagógicos, políticos, psicológicos e sociais. Entretanto, não cessam de se apresentar situações onde a desfuncionalidade real da experiência de cada adolescente interroga o ideal universal de funcionalidade das práticas institucionais. Muitas vinhetas práticas puderam demonstrar que a abertura para a solução singular de laço social que cada adolescente apresenta como resposta ao seu encontro com o real, pode ser uma orientação.

Como abrir nestas práticas situações que possibilitem ao adolescente tomar a palavra, como fazer uso das regras e manejar as intervenções interdisciplinares? Como incluir entre as fronteiras das práticas sócio-educativas a solução de inserção que cada sujeito é capaz de inventar? E quando a irregularidade se apresenta como modo de laço social? Qual medida pode orientar esta prática feita por muitos que atravessa o “socio-educativo”? Muitas são as situações e questões que se apresentam entre as fronteiras das praticas sócio-educativas.

A conversação interdisciplinar tem sido uma orientação a cada situação. ‘Caso-a-caso’, estamos construindo uma perspectiva de trabalho, em torno de questões que interrogam a prática, orientados pela sua desfuncionalidade, quando o sujeito, diante do real de sua adolescência, mostra sua causa e seu gosto, nos espaços de convivência entre nós, condição singular de enredar-se no laço social.

Responsável: Fernanda Otoni de Barros (fernanda.otoni@terra.com.br).

Participantes: Alcides Felício dos Santos (Pedagogo - Diretor das Medidas Sócio-educativas da Inspeção Dom Bosco); Angela Guerra (Psicóloga - Semiliberdade); Célio Garcia (Psicanalista); Damaly

Helena de Senna Santos (Presença materna - semiliberdade); Dayse Carvalho (Terapeuta Ocupacional - Semiliberdade); Edson Barroso (Educador - semiliberdade); Geraldo Magela Lara (Fotógrafo - Diretor do PROVIVER Jovem); Gisiane de oliveira Clemente (estagiária - terapeuta ocupacional); Glauce Laino (Pedagoga - Semiliberdade); Laert da Silva (Educador - semiliberdade); Luciana Lima do Amaral (Advogada - professora da PUC); Marisa Renna de Vitta (Psicóloga - Semiliberdade); Pollyana Vieira Souza (psicologa - CEAD); Raquel Assunção (Diretora CEAD); Reinaldo Alves Campos (Educador - semiliberdade); Renata Eustáquio Alves (Assistente Social - Semiliberdade); Renata Lucindo Mendonça (Psicóloga - Mãejeadura); Teresa Cristina Moebus (Coordenadora - Semiliberdade); Walter Ud (Psicólogo Social - Professor Doutor da Universidade de Educação da UFMG).

28 - Laboratório: Saber em rede

Local de trabalho do laboratório: Regional Leste de BH- Sede do Programa Fica Vivo - Rua Antão Gonçalves, 360 - Taquaril.

Nome do laboratório: Saber em Rede

Campo de investigação: Educação, Saúde, Sociedade e Segurança Pública

Percursos: Trata-se de um grupo de trabalho criado a mais de dois anos que tem a perspectiva de estabelecer uma interlocução entre a saúde, a educação, a assistência social e a segurança pública na região do Alto Vera Cruz, Taquaril, Granja de Freitas e Castanheiras.

Resultados, impasses, perspectivas: O trabalho da conversação tem se dado em duas escolas públicas da região. Percebemos um movimento em ambas: a primeira em direção a um trabalho mais efetivo com a comunidade em torno da mudança de representação que esta tem em relação à escola, resgatando sua história e a segunda, em relação a uma retomada de projetos internos importantes

como o trato com a questão da sexualidade, o que de acordo com seu corpo docente havia 10 anos que não se discutia a temática em voga, em uma escola que lida com crianças e adolescentes que apresentam por sua vez questões em torno da agressividade, e da “pegação”.

Os impasses que percebemos passam pela mobilização das instituições como um todo, pois nossa atuação tem se dado em um dos turnos de funcionamento da escola, fazendo com que o efeito seja pontual neste turno. Este impasse nos leva a pensar que a idéia de que um sujeito (direção ou coordenação da escola) representa a instituição em reuniões onde são discutidas e planejadas as temáticas da Conversação não tem sido eficaz. O trabalho da Conversação é mais significativo quando se dá no próprio local com professores(as) e alunos(as).

A perspectiva do laboratório é criar novas estratégias para potencializar as intervenções junto à comunidade escolar, buscando evitar a pulverização dos seus efeitos, na tentativa de fortalecer os laços sociais.

Responsável: Margareth Diniz, Psicanalista (dinizmargareth@yahoo.com.br) e Alessandro Pereira dos Santos, Psicanalista (alessandrosantos_99744290@yahoo.com.br).

Participantes: Andréa Maria Reis (Psicóloga, Psicanalista), Ana Lúcia Pessoa França Mungai (Assistente Social), Maria do Carmo Barbosa (Assistente Social), Helen Moreira (estagiária de Psicologia).

Pernambuco

Guiados pela questão – a de uma tarefa impossível que é educar – decidimos tomá-la como causa das conversações propostas pelo CIEN, e iniciar a formação de um laboratório em Recife, trabalhando como tema o estatuto de sintomas na educação, tais como: agressividade, hiperatividade, ausência de limite, apatia e desinteresse.

Com a orientação proposta pelo CIEN priorizaremos a palavra sobre a prática da educação entre vários, considerando que na escola particular as discussões e impasses ocorrem muitas vezes em cada instituição sem uma reflexão ampliada, ficando-se em torno de “verdades institucionais” que impedem intervenções mais coletivas e eficazes no âmbito da educação.

Anamaria Vasconcelos

29 - Laboratório (em formação): Conversando com a educação

Local de trabalho: Sede da Seção Pernambuco (em formação) - Rua Sérgio Magalhães, 66 - Graças - Recife/PE

Nome do laboratório (em formação): “Conversando com a educação”

Campo de investigação: O laboratório “Conversando com a educação”, se constitui enquanto núcleo de pesquisa, animado pela questão que não cessa de se colocar entre os educadores: Que mal estar é esse da educação?

Percurso: Este laboratório é fruto de um trabalho iniciado no Projeto Saúde na Escola: Tempo de Crescer, desenvolvido desde 1999 em parceria com o UNICEF em quatro municípios da região metropolitana do Recife. O Projeto Saúde na Escola: Tempo de Crescer consiste numa proposta de interlocução permanente com atores sociais da rede pública da saúde, educação e assistência social, onde a escuta com base na psicanálise abre espaços de análise e reflexão, sobre a prática exercida com a criança.

Guiados pela questão – a de uma tarefa impossível que é educar – decidimos tomá-la como causa das conversações propostas pelo CIEN a se realizar no laboratório desenvolvido em Recife, trabalhando como tema o estatuto de sintomas na educação, tais como: agressividade, hiperatividade, ausência de limite, apatia e desinteresse.

“Conversando com a educação” tem convocado os educadores da rede particular de ensino e estabelecido conversações, finalizando com um seminário teórico acerca da contribuição da psicanálise sobre o tema abordado.

Resultados, impasses e perspectivas: O laboratório que inicia sua ação, tem como resultado o levantamento de questões que tomam o estatuto de sintomas na educação, tais como: agressividade, hiperatividade, ausência de limite, assim como a produção de artigo de pessoas que contribuíram para o aprofundamento das discussões trazendo as contribuições da psicanálise lacaniana sobre os temas. A proposta desse laboratório é priorizar a palavra sobre a prática da educação entre vários, considerando que na escola particular as discussões e impasses ocorrem muitas vezes em cada instituição sem uma reflexão ampliada, ficando-se em torno de “verdades institucionais” que impedem intervenções mais coletivas e eficazes no âmbito da educação. Fazer um furo no muro que se instala entre os educadores da escola da rede particular é uma tarefa desse laboratório.

Responsável: Anamaria Vasconcelos, vasconcelos.anamaria@gmail.com - Tel: (081) 3423-8772 ou (081) 9976-6083.

Participantes: Educadores, Psicólogos e Fonoaudiólogos da rede particular de ensino. Psicanalista da Seção Pernambuco (em formação) da Escola Brasileira de Psicanálise: Eliane Neves Baptista, Elizabete Siqueira, Gisella Sette, Rosa Reis, Rosane da Fonte e outros participantes que existam nessa categoria

Normas para inscrição de Laboratórios no CIEN-Brasil

Esquema de apresentação dos Laboratórios: O Laboratório já pode ter sido declarado ou mesmo ser candidato à inscrição de Laboratório e, ainda, pode figurar como Laboratório em formação.

Solicitamos a gentileza de fornecer-nos, em ordem, as seguintes informações:

1. Local de trabalho do laboratório
2. Nome do laboratório
3. Campo de investigação
4. Percurso
5. Resultados, impasses, perspectivas
6. Nome do responsável e endereço de contato (endereço postal, e-mail e telefone)
7. Nome dos participantes, disciplinas, e-mail.

Indicações quanto às normas para envio:

Caracteres: Times New Roman - tamanho 12.

Máximo de caracteres: 2000, para a Comissão de Coordenação e Orientação do CIEN-Brasil, Equipe Anuário CIEN - Brasil 2007.

Coordenação e Edição: Cristiana Pittella de Mattos.

Criação Capa e Logomarca: Evilázio Gonzaga Alves.

Nossos agradecimentos a Evilázio.

Colaboraram nesta edição: Maria Rita Guimarães, Cristiane Barreto, Ludmilla Féres, Maria do Rosário Collier do Rego Barros, Heloísa Telles, Teresa Pavone, Anamaria Vasconcelos, Simone Bianchi, Bernadete Carvalho, Yolanda Vilela.

Apoio: IPSMMG, Instituto de Psicanálise e Saúde mental de Minas Gerais.

Nossos agradecimentos ao IPSMMG sempre parceiro das iniciativas do CIEN Brasil.

Belo Horizonte, agosto 2007